

CARTA DO
LÍBANO

**Patriarca
Nasrallah
Boutros Sfeir**

A DESPEDIDA DE
UM LÍDER DO POVO

**KARIME
COSTALUNGA**

A advogada gaúcha lança livro especializado em Direito Patrimonial de Família e fala sobre suas origens, sob a influência de duas mulheres fortes: a avó, matriarca libanesa, e sua mãe

A POSSE DE
ALFREDO COTAIT
NETO COMO
PRESIDENTE DA
FEDERAÇÃO DAS
ASSOCIAÇÕES
COMERCIAIS DO
ESTADO DE SÃO PAULO

**A questão
feminina
no Líbano**

Claudine Aoun Roukoz
esteve recentemente
no Brasil, e falou
da luta por mais
diálogo e equilíbrio

Campos do Jordão - SP

à 200 km de SP

HOTEL NACIONAL INN



reservas@nacionalinncampos.com.br

RESERVAS: (12) 3663.3887 - 3663.3577

Rua Joaquim Pinto Seabra, 208
Vila Everest - Campos do Jordão/SP

FAÇA SUA RESERVA DIRETO COM O HOTEL E GARANTA PREÇOS ESPECIAIS

Poços de Caldas - MG

à 250 Km de SP

HOTEL + PISCINAS AQUECIDAS + PARQUE WALTER WORD



ALL INCLUSIVE



comercial@thww.com.br
+55 (35) 2101-8080

Av. Vereador Edmundo Cardillo, 3131
Jardim Del Rey

www.nacionalinn.com.br



UMA PUBLICAÇÃO
DA EDITORA NAIME

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL

FOUAD NAIME
MTB 79126/SP

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE
DUSHKA E MAYU TANAKA - ESTUDIO29.COM

EDIÇÃO
MARIO MENDES
TATIANA CASSER CSORDAS

FOTOS
REUTERS

TRATAMENTO DE IMAGENS
ADIEL NUNES

ASSINATURA ANUAL R\$ 400,00

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

OBSERVAÇÃO AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO
DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

E-MAIL CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR

FONE 11 3214.3977

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
RUA DA CONSOLAÇÃO, 323 - CJ. 908
SÃO PAULO/SP - CEP: 01301-000



NOSSA CAPA
KARIME COSTALUNGA
FOTO
MARTA SANTOS

EDITORIAL

REFLEXÕES SOBRE A VIDA

A política e os direitos humanos, andam na ordem do dia em todas as rodas de conversa, do encontro casual entre amigos até os embates de alta voltagem nas redes sociais. Assim, as próximas páginas Carta do Líbano apresentam alguns personagens que, através de suas experiências, ilustram a tendência do momento. Destacando-se, sobretudo, a presença de mulheres empoderadas.

Em recente visita ao Brasil, a libanesa Claudine Aoun Roukoz, presidente do Conselho Supremo para as Mulheres Árabes, esteve no Rio de Janeiro para lançar um projeto de cooperação entre Beirute e a Cidade Maravilhosa. Filha e assessora especial do general Michel Aoun, presidente do Líbano, ela tem atuado como empreendedora e articuladora política em ações equalitárias de gênero e de outros direitos femininos.

A advogada Silvia Massad surge como co-autora do livro "Direito das Minorias", onde assina o capítulo sobre a Lei do Femicídio, assunto ao qual se dedica diante de dados alarmantes da ocorrência de crimes contra a mulher no Brasil. Ela também está engajada na luta pelos direitos da população afro-descendente.

Já a advogada gaúcha, Karime Costalunga, que lança seu livro "O Direito do Meeiro do Sócio na Apuração de Haveres", contou sobre a importância da influência definitiva de duas mulheres fortes: sua mãe e sua avó, uma matriarca libanesa.

Depoimento tocante é o de Nágila Ibrahim el-Kadi, professora e socióloga, que a partir da aventura migratória dos pais, fala de luta, trabalho, honra, esperança e amor.

Finalmente, a homenagem de Carta do Líbano ao patriarca Nasrallah Boutros Sfeir, figura máxima da Igreja Maronita no Líbano, morto no último mês de maio. Com seu exemplo de fé, resistência e coragem, foi personagem fundamental para a reconquista da independência de seu país e da liberdade para o seu povo. Um homem religioso de força reconhecida pelos detentores dos poderes terrenos.



FOUAD NAIME
EDITOR

FOTO: MARTA SANTOS

[@cartadolibano](https://www.facebook.com/cartadolibano)

[@cartadolibano](https://www.instagram.com/cartadolibano)

SUMÁRIO

CARTA DO
LÍBANO

ANO 25 • NÚMERO 170 • 05&06.2019

08 | Perfil

Patriarca Nasrallah Boutros Sfeir

O legado da figura máxima da Igreja Maronita - morto em maio, aos 98 anos - vai muito além da comunidade religiosa. Personagem fundamental durante período político conturbado no Oriente Médio, enfrentou inimigos e atraiu aliados igualmente poderosos. Sua profissão de fé e sua coragem seguem como exemplos para o Líbano e o mundo

14 | Mulheres empoderadas

Karime Costalunga

A advogada gaúcha lança livro especializado em Direito Patrimonial de Família e relata à Carta do Líbano suas origens, sob a influência de duas mulheres fortes: a avó, matriarca libanesa, e sua mãe

20 | Mulheres empoderadas

Silvia Odete Morani Massad

Advogada engajada nas lutas pelos direitos da mulher é uma das coautoras de oportuna obra sobre minorias, em capítulo dedicado à Lei do Femicídio

22 | Mulheres empoderadas

Claudine Aoun Roukoz

Presidente do Conselho Supremo para as Mulheres Árabes, esteve recentemente no Brasil, e falou da luta por mais diálogo e equilíbrio

28 | Saga libanesa

O médico coloproctologista Nabil Massad narra com muita emoção, a trajetória de seu pai, Farhan Massad

32 | Saga libanesa

A partir da história de seus antepassados e da aventura migratória dos pais, Nágila Ibrahim el-Kadi escreve com emoção transbordante. Fala de luta, trabalho, honra, esperança e amor. Da vida, enfim, que aprendeu com as lições de Ibrahim e Daouie

38 | Comunidade

O advogado goiano Hanna Mtanios Hanna Júnior, novo cônsul honorário do Líbano em seu estado, fala de projetos e metas para a gestão

40 | Comunidade

Nizar Hachem, cônsul honorário do Líbano em Curitiba, fala com exclusividade à Carta do Líbano sobre o orgulho do imigrante que recebeu a honra de representar seu país na terra que escolheu para viver e criar raízes

42 | Artigo

O cardiologista Edmo Atique Gabriel escreve sobre a importância de se conhecer fatores que colocam a saúde do coração em jogo

44 | Sociedade

Discursos emocionados marcaram a posse de Alfredo Cotait Neto como presidente da Federação das Associações Comerciais do Estado de São Paulo

50 | Sociedade

A Câmara de Comércio Brasil-Líbano lançou no último dia 25 de abril, sua Câmara de Arbitragem e Mediação

54 | Marca registrada

Roberto Cury, mantém o charme do antigo comércio do centro carioca

58 | Identidade cultural

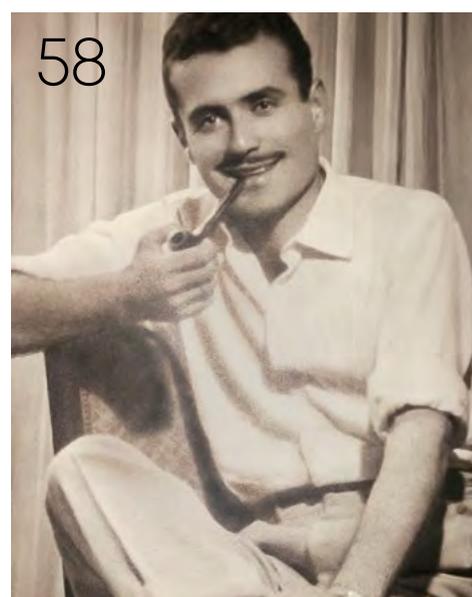
Henrique Tabchoury procura resgatar o trabalho de artistas responsáveis por um verdadeiro tesouro musical da comunidade árabe no Brasil

60 | Artigo

Albino Castro escreve sobre o patriarca maronita e da independência do Líbano

62 | Foto & história

O olhar do tempo



O LÍBANO É NOSSA PÁTRIA

Dupla Cidadania – acesse: libano.gov.lb/

CARTAS

Parabéns, Fouad Naime!

“ Mais uma edição super bacana da sua revista Carta do Líbano, desta vez contando um bocadinho da história da minha família. Chukran!

Ashraf Klink,
São Paulo, SP

“ Todos os meses espero ansioso pelo exemplar da nossa Carta do Líbano, que sempre vem recheada de emoções. As histórias de vida dos patrícios, as lutas e as vitórias alcançadas... as alegrias... a saudade constante em todos os relatos... as declarações de amor ao nosso Líbano... o cuidado na edição e o esmero do nosso amigo Fouad Naime. Tudo faz da nossa Carta do Líbano o retrato do amor à nossa terra dos cedros.

José Alberto Metri Pinto
Palma, MG



“ Meus sinceros agradecimentos ao editor Fouad Naime que se tornou um amigo! A matéria superou minhas expectativas e realizou um grande sonho de meu pai. Que Deus abençoe a todos os colaboradores!

Mona Btadini,
Goiania, GO

Obrigado

“ Pela remessa da revista Carta do Líbano, número 168 de fevereiro de 2019, que nos permitiu conhecer as riquezas e peculiaridades da cidade mineira de Uberaba, município que deve muito de seu desenvolvimento ao clã Hueb.

Gaitano Antonaccio
Manaus, AM



ASSINE JÁ
E RECEBA
EM CASA

Nossa missão é resgatar nossa história, promover nossa cultura e valorizar nossa gente. Contribua com este trabalho assinando ou presenteando com uma assinatura anual da revista Carta do Líbano. Agradecemos sua colaboração

NOME
E-MAIL TEL.
ENDEREÇO
CEP CIDADE ESTADO



Para tornar-se assinante, preencha a ficha acima e envie para a nossa sede
Rua da Consolação, 323, conj. 908 - Cep: 01301-000 – São Paulo/SP
ou para o nosso endereço eletrônico contato@cartadolibano.com.br

ASSINATURA ANUAL NO BRASIL R\$ 400 | ASSINATURA ANUAL NO EXTERIOR U\$500
DADOS PARA DEPÓSITO BANCO BRADESCO · AGÊNCIA 95 · CONTA CORRENTE 21114-1



Cardeal Nasrallah Boutros Sfeir, 76º patriarca maronita de Antioquia e de todo o Oriente, entre 1986 e 2011

FOTO: REUTERS

Patriarca Nasrallah Boutros Sfeir

A DESPEDIDA DE UM LÍDER DO POVO

O legado da figura máxima da Igreja Maronita - morto em maio, aos 98 anos - vai muito além da comunidade religiosa. Personagem fundamental durante período político conturbado no Oriente Médio, enfrentou inimigos e atraiu aliados igualmente poderosos. Sua profissão de fé e sua coragem seguem como exemplos para o Líbano e o mundo

POR FOUAD NAIME

Houve grande comoção no Líbano no último mês de maio, quando foi anunciada no dia 12 daquele mês a morte do cardeal Nasrallah Boutros Sfeir, o patriarca emérito dos maronitas, o maior líder religioso do país nos últimos 50 anos, grande defensor da independência do Líbano e símbolo da reconciliação nacional. Ele estava às vésperas de completar 99 anos e se encontrava internado desde o dia 26 de abril, no hospital Hotel Dieu de Beirute, devido a uma doença pulmonar que foi se agravando no decorrer dos dias. Ele havia apresentado sua renúncia ao Vaticano em 2011, aos 90 anos, devido a problemas de saúde causados pela idade avançada.

A morte do cardeal - o 76º patriarca maronita - foi anunciada por seu sucessor, o patriarca Bechara Boutros al-Rai, que ressaltou: "A igreja maronita está órfã e o Líbano está de luto", conclamando os templos que fizessem soar os sinos e rezassem por sua alma nas missas celebradas naquele dia. Em nota, o papa Francisco se pronunciou: "Um firme defensor da soberania e independência de seu país, ele continuará a ser uma grande figura na história do Líbano".

A aldeia de Rayfoun - 27 quilômetros a nordeste de Beirute - é o local de nascimento de Nasrallah Boutros Sfeir, em 15 de maio de 1920, filho de Maroun Sfeir e Hanah Fahd. Ele se formou em Filosofia e Teologia no Seminário Oriental da Universidade São José, em Beirute, e foi ordenado em



O presidente Michel Aoun confere ao patriarca Nasrallah Boutros Sfeir a alta Medalha Ordem do Mérito, em reconhecimento às suas contribuições ao Líbano.



A reunião do cardeal Nasrallah Boutros Sfeir com o então presidente George W. Bush na Casa Branca, em 2005, trouxe a esperança de independência, soberania e liberdade para todos os libaneses.

1950. A seguir lecionou Literatura, Filosofia Árabe e Tradução no Colégio dos Padres Maristas, na cidade costeira de Jounieh. Em 1961, foi consagrado bispo e tornou-se vigário patriarcal.

O Conselho dos Bispos o elegeu patriarca de Antioquia para os maronitas em 1986 e, em 1994, foi nomeado cardeal pelo papa João Paulo 2°. Durante seu período como autoridade máxima da igreja maronita, destacou-se pelo posicionamento firme e a crítica declarada ao que encarava como injustiça social e política no Oriente Médio, além de ser considerado o “patriarca da segunda independência”, pelo papel decisivo desempenhado na retirada das tropas sírias em 2005, durante a

chamada Revolução do Cedro. No plano religioso, foi fundamental na revisão da Missa Maronita para retornar à liturgia mais tradicional. Personalidade celebrada e também controversa, chegou a sofrer cinco atentados contra sua vida.

GUERRA E RESISTÊNCIA EM TEMPOS DE PAZ

A guerra civil libanesa, deflagrada em 1975, colocou em confronto as várias facções cristãs e muçulmanas, bem como provocou levantes contra os governos externos que intervieram no conflito - sobretudo Síria e Israel - e contra os palestinos, com seus campos de refugiados. Os combates foram brutais mesmo entre cristãos libaneses. Em 1989, a Liga Árabe forjou um acordo em Taif, na Arábia Saudita, para autorizar uma força síria temporária para a manutenção da paz e também para resgatar a fórmula de partilha estabelecida na Primeira Guerra Mundial, dando aos cristãos libaneses um papel dominante na administração do governo. O cardeal Sfeir apoiou o acordo, argumentando na época que seria “um erro fatal acreditar que podemos viver sozinhos em uma ilha na qual administramos nossos assuntos como desejamos”.

Porém, muitos cristãos se opuseram ao acordo - não apenas porque viram diminuir seu poder político, como sua parcela na população, mas porque não havia um prazo para a retirada das tropas sírias. A consequência disso foram revoltas sucessivas que culminaram com os sírios esmagando a insurgência do general Michel Aoun, então chefe do exército

libanês, em 1990. A guerra civil chegou ao fim, mas os sírios permaneceram no país, o que fez com que as iniciais boas-vindas do cardeal Sfeir para as forças do país vizinho azedassem de vez. “Toda nação, se quiser continuar sendo uma nação”, disse ele dessa vez, “precisa ter soberania, independência e liberdade de decisão”.

A cisma do patriarca com a Síria o levou a recusar o convite, em 2001, para acompanhar o papa João Paulo 2° em visita ao país. Ao mesmo tempo, pressionou publicamente os Estados Unidos para se posicionar efetivamente contra a presença síria no Líbano. Finalmente, em 2005, alguns meses depois do assassinato em Beirute do ex-primeiro-ministro libanês Rafik Hariri, pelo qual o regime sírio foi amplamente responsabilizado, a Revolução do Cedro despachou os sírios. O patriarca criticou ocasionalmente o Hezbollah - a facção política e militar islâmica libanesa, que os Estados Unidos classificam como organização terrorista - por demonstrar maior lealdade ao Irã do que ao Líbano. Nos últimos anos, o Hezbollah conquistou maior espaço no governo libanês tornando-se aliado de Aoun, o atual presidente do país que, como exige a Constituição, é um maronita.

No Líbano, os maronitas - reconhecem a autoridade do papa, mas seguem a liturgia oriental - são a maior e mais poderosa seita cristã. Ao todo, são 18 grupos religiosos reconhecidos, incluindo vários grupos cristãos, muçulmanos e os drusos, que se separaram do islamismo há cerca de mil anos. Em 2001, o patriarca Sfeir promoveu a reconciliação histórica entre cristãos e drusos no Monte Líbano.

A CONEXÃO COM JOÃO PAULO 2°

O patriarca visitou o Brasil uma única vez, entre 1° e 14 de março de 1997, para a comemoração do Centenário da Sociedade Maronita de Beneficência, em São Paulo. Em maio do mesmo ano, o papa João Paulo 2° visitou o Líbano pela primeira vez,



O patriarca maronita Nasrallah Boutros Sfeir nomeado cardeal pelo papa João Paulo 2°, em 1994.

“Toda nação, se quiser continuar sendo uma nação, precisa ter soberania, independência e liberdade de decisão”

– Cardeal Nasrallah Boutros Sfeir

quase vinte anos depois de sua subida ao trono do Vaticano. Segundo o biógrafo de Sua Santidade, Andrea Riccardi, a viagem representou um momento especial pois, desde o início de seu pontificado, João Paulo 2° observava com atenção a questão libanesa, chegando mesmo a pressionar o governo americano por uma intervenção na guerra civil com uma nota enviada ao então presidente Ronald Reagan, em 1982. Anos depois, ele disse ao, na época, recém-eleito patriarca maronita Nasrallah Boutros Sfeir: “O



O presidente francês Jacques Chirac, à dir., conversa com o cardeal Nasrallah Boutros Sfeir, durante uma reunião no Palácio do Eliseu, em Paris

Líbano é ainda mais importante do que Jerusalém. Também no Líbano há uma atividade espiritual... O Líbano é como o meu país, a Polônia, e compreendo o Líbano porque também ele está sob pressão". Vale lembrar que a Polônia, país católico, vivia um período de agitação e protestos - liderados pelo sindicalista Lech Walesa - contra a extinta União Soviética.

Em 1991, o papa pediu ao patriarca Sfeir que convocasse um Sínodo dos bispos maronitas, para consolidar a Igreja Maronita depois dos anos de guerra. Em seguida, convocou um sínodo dos bispos sobre o Líbano, na presença de delegados de outras igrejas cristãs e de observadores muçulmanos. Esses sínodos extraordinários representaram uma chamada de atenção para uma área do mundo. A visita do papa ao Líbano foi cuidadosamente planejada e algumas vezes adiada devido à ameaça de atentados - por trás das quais muitos viam o poderoso inimigo sírio.

Ainda segundo o biógrafo Riccardi, João Paulo 2º justificou a preocupação com a nação libanesa: "Viver em comum não é fácil. Como mostra o Líbano, que não é apenas um microcosmo da difícil convivência entre diferentes credos religiosos, mas também entre libaneses e palestinos". Acima de tudo, ele atacava abertamente a "indiferença moral perante o genocídio do povo libanês", na definição bombástica de Mario Agnes, diretor do jornal italiano "L'Osservatore Romano".

Portanto, ao desembarcar em Beirute, o papa

sentiu o clima de mal-estar e agitação em vigor no país, principalmente entre os jovens, como havia sentido em sua visita à Polônia, em 1979. Sua fala aos libaneses na ocasião é histórica: "Compete-vos fazer cair os muros que, durante períodos dolorosos da história de vossa nação, foram construídos; não levanteis novos muros em vosso país! Pelo contrário, é vossa tarefa construir pontes. E evitar uma confusão indesejável".

ÚLTIMOS RITOS

Na noite de sábado, 25 de maio, celebrou-se na Igreja do Pontifício Colégio Maronita, na Urbe, uma Divina Liturgia em sufrágio pela alma do cardeal Nasrallah Boutros Sfeir. O cardeal Leonardo Sandri, prefeito da Congregação para as Igrejas Orientais, traçou sinteticamente um perfil do patriarca em sua saudação: "Capaz de falar a todos. Ponto de referência primeiro com as palavras e, depois, com a vida vivida na humildade e simplicidade".

Em sua visão, o cardeal Sfeir "foi uma flecha apontada para Aquele que é a rocha sobre a qual se alicerça a vida de uma pessoa, de uma família, de uma comunidade religiosa, de uma igreja e de uma pátria: Cristo, o Senhor!". Ele também ressaltou a predisposição do patriarca em ser "o servo de todos" e, citando as palavras de João Paulo 2º: "Ele foi o pai de sua Igreja, responsável por sua renovação". Sandri finalizou lembrando que, para muitos, Nasrallah Boutros Sfeir representou um pastor, um guia que "nunca teve medo de dizer uma palavra clara e forte para todo o povo". ■

“*Compete-vos fazer cair os muros que, durante períodos dolorosos da história de vossa nação, foram construídos; não levanteis novos muros em vosso país!*”

– Fala do papa João Paulo 2º aos libaneses



Cardeal Bechara Boutros al-Rai, atual patriarca da Igreja Maronita de Antioquia e de todo o Oriente Médio, durante o funeral do cardeal Sfeir

KARIME COSTALUNGA

DEDICAÇÃO E APRIMORAMENTO CONSTANTES

A advogada gaúcha lança livro especializado em Direito Patrimonial de Família e relata à CARTA DO LÍBANO suas origens, sob a influência de duas mulheres fortes: a avó, matriarca libanesa, e sua mãe

POR TATIANA CASSER CSORDAS

Para falar de Karime Costalunga, a advogada gaúcha que é referência em Direito de Família e Sucessões, é preciso retomar a história de suas antecessoras. A avó Emília Neme da Silva e a mãe Sáloa Maria Neme da Silva, juntamente com o avô de origem portuguesa, Castriciano André da Silva (já falecido), formam o alicerce de vida, família e trabalho dessa profissional que acaba de lançar o livro “O Direito do Meeiro do Sócio na Apuração de Haveres – Proposta de Interpretação da Legislação Civil”.

De família libanesa, da cidade de Jounieh, a avó Emília é uma matriarca típica, que reúne a família em torno da boa mesa e do afeto. Karime, que significa Generosa em árabe, conheceu com a avó as delícias do kibe e do arroz bi-chairie. “Ainda hoje, aos 95 anos, a jda continua cozinhando e não admite que ninguém da família frequente a culinária típica em restaurantes”, revela.

Mas o maior valor transmitido à advogada foi a importância da própria família. “Entre nós, é

FOTO: MARTA SANTOS





O clã Neme: João Pedro Neme e Maria Haj Neme, com os filhos, Antonieta, Antônio, Emílio e Emília



Segunda e terceira gerações do clã Neme: José Naja, Sáloa, Andresa e Karime

muito forte a relação de apoio, de aconchego e de aninhamento, como em toda tradicional família libanesa”, reconhece Karime.

Se os avós foram fundamentais para formar as bases de afeto e de generosidade de Karime, é da mãe que ela herdou a paixão pelo Direito e a dedicação profissional. Os pais, o juiz de Direito José Geraldo Costalunga, falecido há dez anos, e a mãe, Sáloa Maria Neme da Silva, se separaram quando ela tinha apenas dois anos de idade. Formada em Direito, História e Belas Artes, Sáloa resolveu então advogar e criou um dos mais tradicionais e respeitados escritórios de Direito de Família e Sucessões do País, em Porto Alegre.

“Nasci no berço do Líbano e no berço do Direito”, resume Karime. Seu destino profissional começou a ser escrito aos 16 anos, quando ingressou na faculdade, e também observando a mãe em ação no trabalho. Na época, ela estudava à noite e durante o dia fazia um pouco de tudo no escritório: atendia telefone e se encarregava dos

serviços gerais de estagiária. “Às vezes, quando ia para a faculdade e não conseguia estacionar, acabava voltando para o trabalho”, conta.

A grande paixão de sua vida é o Direito. Divide-se entre as atividades no escritório e as aulas que ministra, inclusive em outros estados, como São Paulo e Rio de Janeiro, na Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas. Além de professora, lá também teve a experiência como pesquisadora na área de Direito de Família e Sucessões.

Karime ainda é procurada por empresas familiares, para a organização da parte jurídica de sucessão e para a produção de pareceres técnicos. Entre seus clientes estão corporações longevas do Rio Grande do Sul, de São Paulo e de Santa Catarina, nos setores de transporte, automação, autopeças e alimentação. “Cada vez mais a família empresária precisa diferenciar o herdeiro do sucessor. Nem todo herdeiro vai ser um bom sucessor para dar continuidade aos negócios”, esclarece.

FOTOS: ALBUM DE FAMÍLIA

NA FAMÍLIA, O MAIOR APRENDIZADO

A permanente curiosidade faz com que Karime busque o aperfeiçoamento em sua área de atuação. É fluente em inglês, francês, espanhol, italiano e, no momento, estuda alemão. Inclusive na formação de filho Marco, de 2 anos - ela é casada com Eduardo Machado de Assis Berni - a advogada encontra motivos para o aprimoramento profissional. “Mais uma vez estou participando do Fronteiras do Pensamento. Porém, neste ano, meu foco é a Escola de Pais, no Instituto Ling, de Porto Alegre. E minha próxima leitura será ‘A arte de dar limites’, de Luiz Hanns”, conta. Apesar da pouca idade, Marco é companhia da mãe em idas ao teatro, passeios no parque e outras atividades culturais. Em breve será iniciado no esporte preferido de Karime, o golfe.

Um prazer a que se dedica longe do trabalho são as viagens. Já foi em busca de suas origens no Líbano e Síria, além de visitar Omã, Jordânia e os Emirados Árabes. Na juventude fez intercâmbios

“Cada vez mais a família empresária precisa diferenciar o herdeiro do sucessor. Nem todo herdeiro vai ser um bom sucessor para dar continuidade aos negócios”



Muito concorrido o lançamento do livro "O Direito do Meeiro do Sócio na Apuração de Haveres", de Karime Costalunga, na Livraria da Vila - Jardins, em São Paulo

FOTO: MARTA SANTOS

na França e nos Estados Unidos e, mesmo por contingência profissional, viajar é uma parte importante de sua vida. "Preciso gostar da minha vida para ser uma mãe melhor", avalia. "A chave para a realização pessoal também está em levar uma vida interessante, como diz o psicanalista Contardo Calligaris".

Acima de tudo ela valoriza a independência pessoal como fator de progresso e conquistas. "Meu avô Castriciano me ensinou a respeitar a autonomia dos outros. E minha mãe me ensinou a buscar a minha própria – e é o que venho tentando fazer", resumiu na dedicatória de seu primeiro livro, "O Direito de Herança na Separação de Bens", lançado em 2009.

Sobre o futuro, Karime é consciente dos desafios: "Devo ser capaz de sustentar o legado que estou recebendo e, obviamente, buscar expandi-lo", acredita. "Tenho de reconhecer que é um privilégio poder dar vazão à minha preferência e buscar sempre me aprimorar naquilo que faço". ■

“Meu avô Castriciano me ensinou a respeitar a autonomia dos outros. E minha mãe me ensinou a buscar a minha própria – e é o que venho tentando fazer”

O LÍBANO QUER VOCÊ.

Agora ficou mais fácil e rápido conseguir a sua dupla cidadania.

Saiba mais libano.gov.lb/





A advogada Silvia Odete Morani Massad é ativista e membro da Comissão da Mulher da OAB/RJ. Na página ao lado, a capa do livro "Direito das Minorias", lançado pela Editora Conquista

NA LINHA DE FRENTE PELO SOCIAL

Advogada engajada nas lutas pelos direitos da mulher, Silvia Odete Morani Massad é uma das coautoras de oportuna obra sobre minorias, em capítulo dedicado à Lei do Femicídio. Momento de importante reflexão social e política

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Eis um dado chocante: “O feminicídio é um crime alarmante, pois suas estatísticas crescem em disparado. A Organização das Nações Unidas (ONU) estima que mais de 66 mil mulheres tenham sido assassinadas por ano simplesmente pelo fato de serem mulheres. Segundo a ONU, as motivações mais comuns dos agressores do sexo masculino envolvem sentimento de posse sobre a mulher, o controle sobre o seu corpo, desejo e autonomia, limitação de sua emancipação”.

Trata-se de um trecho do capítulo Lei do Femicídio, de autoria da advogada Silvia Massad, no livro “Direito das Minorias: Justiça, Equidade e Diversidade” - que teve duas noites de autógrafos, em Salvador e no Rio de Janeiro.

Formada em Direito pela PUC/RJ e na França pela Sciences Politiques de Paris é especialista em Direito Civil e Empresarial com pós-graduação pela Fundação Getúlio Vargas, a advogada faz de sua participação neste volume de coautoria da Editora Conquista, uma denúncia e um alerta. Discorrendo sobre as causas e as consequências que levam ao crime, agora conhecido mundialmente por “feminicídio”, ela chama atenção para as proporções que o triste fenômeno atinge em nosso país.

“No Brasil, entre 2000 e 2010, 43,7 mil

mulheres foram assassinadas, muitas das quais pelos parceiros, com quem mantinham relações íntimas, de confiança e de afeto. Esse índice coloca o Brasil como o sétimo país em assassinatos de mulheres, tornando-se um dos países mais violentos do mundo”, escreve Silvia em outro trecho. Ela também chama atenção para o fato que, apesar de leis criadas para combater os crimes contra mulheres, ainda há um longo caminho a percorrer.

Paralelo à atividade de advogada e escritora, Silvia Odete Morani Massad está engajada na luta pelos direitos das minorias, sendo membro da Comissão da Mulher da OAB/RJ e da Associação Brasileira de Mulheres de Carreira Jurídica.

Segundo Ana Carolina Chagas Fingolo, supervisora geral da Editora Conquista, Direito das Minorias faz parte de um sistema de coautoria: “Pensamos e criamos constantemente ideias e ações que possam contribuir para a sociedade brasileira. Se faz necessário e consciente de toda a Sociedade e Estado que a democracia não considere somente o princípio da maioria, mas também, princípios de justiça social, oportunizando espaços de manifestações para as minorias e realizando leis e políticas públicas que atendam a seus interesses e necessidades reais e substanciais”, diz o prefácio da obra. ■

“Direito das Minorias: Justiça, Equidade e Diversidade” - Editora Conquista

“No Brasil, entre 2000 e 2010, 43,7 mil mulheres foram assassinadas, muitas das quais pelos parceiros, com quem mantinham relações íntimas, de confiança e de afeto...”, escreve Silvia Massad



A QUESTÃO FEMININA NO LIBANO HOJE

Claudine Aoun Roukoz, presidente do Conselho Supremo para as Mulheres Árabes, esteve recentemente no Brasil, e falou da luta por mais diálogo e equilíbrio

Vem do Líbano um dos nomes que se destacam na luta pelos direitos das mulheres no mundo. Claudine Aoun Roukoz, filha e assistente especial do Presidente da República Libanesa, o General Michel Aoun, segue uma carreira de destaque como empreendedora e articuladora política. Presidente do Conselho Supremo das Mulheres Árabes (AWO) e da Comissão Nacional para as Mulheres Libanesas, Claudine esteve no Rio de Janeiro, no mês de abril, para lançar um projeto de cooperação entre a cidade brasileira e Beirute.

Nascida no Líbano em 1972, Claudine é especialista em comunicação e engajada há mais de 20 anos em temas como política, mídia, empreendedorismo, ativismo ambiental e direito das mulheres. Fundou a Sociedade Clémentine, uma agência de comunicação que cresceu rapidamente e atualmente atende à demanda de mais de cem empresas. Por conta de sua atuação como empresária, foi premiada pela Forbes, no ano passado, como uma das principais empreendedoras que influenciaram os negócios e o cenário econômico libanês na última década.

Como muitas mulheres no mundo, Claudine acumula papéis. Esposa, mãe, empresária, filha do presidente, ela é um pouco disso tudo. Mas se destaca como incansável defensora dos direitos das mulheres. Em entrevista recente à publicação libanesa em língua francesa “L’Orient Jour”, ela confidenciou que essa provavelmente é um herança de seu pai, o general Michel Aoun, um homem de convicção, que, ao mesmo tempo, é uma pessoa aberta, que desenvolveu em suas três filhas (Mireille, Claudine e Chantal) a vontade de fazer algo com suas vidas e a necessidade de lutar por uma causa.

TODAS UNIDAS PELA MESMA CAUSA

No Brasil, Claudine deu voz à sua missão ao participar de uma audiência pública sobre a luta no Brasil e no mundo árabe pelos direitos da mulher na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. “É muito simbólico que meu país tenha mandado uma mulher ao Brasil. Nós, mulheres, temos os mesmos combates, os mesmos objetivos e um grande obstáculo, que é a luta contra a violência”, declarou. Na ocasião, Claudine foi homenageada com a entrega de moção de aplausos e relatou as conquistas e medidas de proteção aos direitos da mulher, adotados no mundo árabe. Temas como igualdade de gênero, aumento



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Claudine Aoun Roukoz, assessora especial do presidente do Líbano, Michel Aoun e presidente do Conselho Supremo para as Mulheres Árabes



posições-chave nos ministérios. Duas delas são respectivamente a ministra do Interior e das Municipalidades e a ministra das Minas e Energia. Para ela, esses cargos são um marco para mudar a mentalidade machista ainda vigente.

Na legislação libanesa, algumas conquistas também foram destacadas por Claudine. “A primeira foi a Lei do Comércio. Antigamente, quando um homem entrava em falência, as propriedades dela entravam junto. Agora, quando a mulher entra em falência, as propriedades dele entram junto, ou seja, igualdade comercial para os dois”, relata. Outra mudança ocorreu nas Assembleias Municipais. “Se por acaso as mulheres se casassem, era feita a troca do seu registro civil pelo do marido e elas eram destituídas do cargo. Agora, ela continua no cargo e elas podem votar na cidade onde nasceram, mesmo sendo casada e tendo transferido o registro civil dela para o marido”, detalha. Outra importante conquista foi eliminar a Lei do Estupro (522), que permitia que o estupro fosse considerado como se fosse um caso de casamento, caso se casasse com a vítima. Agora, a lei deixou de existir.

da representatividade política, feminicídio, direito à educação e redução da taxa de analfabetismo foram tratados em um paralelo entre os dois mundos.

No Líbano, o histórico de luta e representatividade das mulheres vem desde 1940. Mas ainda há muito a ser conquistado. As mulheres árabes são vítimas de inúmeras discriminações, que são agravadas por conta dos movimentos armados, que provocam deslocamentos entre as regiões. Na política, a luta no Líbano é por um sistema de cotas, com o objetivo de aumentar o número de mulheres nas próximas eleições e modificar a imagem estereotipada entre homens e mulheres.

Na economia, Claudine informou que várias medidas estão sendo adotadas no mundo árabe, com programas de desenvolvimento que buscam melhorar as condições das mulheres, especialmente nas áreas rurais e urbanas. Para combater a violência doméstica, foi instalada uma linha telefônica para atender e prestar assistência às mulheres violentadas. “Nós trabalhamos sem cessar para mudar e que as mulheres se sintam cidadãs”, afirmou durante a audiência na Alerj.

No novo governo de seu país, liderado por seu pai, Claudine contou que quatro mulheres ocupam



No alto, Claudine Aoun Roukoz participa de debate em torno do filme libanês “Nour”, no Consulado Geral da França, no Rio de Janeiro. Acima, ao lado de seu pai, o presidente do Líbano, Michel Aoun. Na página ao lado: Claudine Aoun Roukoz com o cônsul-geral do Líbano, Alejandro Bitar; na Assembleia Legislativa com a jornalista e presidente da Aliança Francesa, Kátia Chalita; em companhia da primeira-dama da Cidade Maravilhosa, Jane Crivella, visitando a Casa Tereza para Crianças com Câncer



UMA PARCERIA DE VIDA

Na família, Claudine encontrou inspiração e força para atuar em seus vários papéis. O pai, Michel Aoun dissera, falando de suas três filhas, que Mireille era seu cérebro, Claudine seu braço e Chantal seu coração. Claudine é realmente muito ativa e vai sempre direto ao ponto, buscando resultados concretos. Mãe de cinco filhos, três de seu primeiro casamento e dois do segundo, ela se divide entre as diversas tarefas e conta com a participação e o apoio do marido, o deputado Chamel Roukoz. Por causa das responsabilidades e viagens que fazem com que Claudine fique mais ausente, é ele quem passa mais tempo com os filhos.

“Nenhum homem está feliz ao ver sua esposa ocupada em outro lugar, mas ele também está feliz

“ A luta no Líbano é por um sistema de cotas, com o objetivo de aumentar o número de mulheres nas próximas eleições e modificar a imagem estereotipada entre homens e mulheres ”



No Consulado do Líbano: monsenhor Georges el-Khoury, dom Edgard Madi, dom Theodore Ghandour, Claudine Aoun Roukoz e os cónsules Fernanda e Alejandro Bitar



Na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro: cónsul Alejandro Bitar, deputada federal Jandira Feghali, Claudine Aoun Roukoz e a deputada estadual Enfermeira Rejane



Claudine Aoun Roukoz com os cónsules do Líbano, Alejandro e Fernando Bitar, mais integrantes da comunidade libanesa no Rio de Janeiro

em passar mais tempo com as crianças”, diz Claudine Aoun Roukoz. “Estamos ambos muito ocupados, mas combinamos que um de nós esteja com eles a maior parte do tempo. Exceto quando ela está viajando, ela tenta estar lá quando eles chegam da escola. Ela também decidiu, por acordo mútuo com o marido, que não irá acompanhá-lo em suas obrigações e ela geralmente passa o fim de semana com sua família.

Ela dedica sua energia ao avanço do status das mulheres no Líbano, uma meta que ocupa uma grande parte de seu tempo. No Líbano, o costume é de que a primeira-dama seja presidente da Comissão Nacional para as Mulheres Libanesas. Mas sua mãe preferiu pedir ao presidente que confie esta posição a uma pessoa mais jovem, para dar uma nova dinâmica a este projeto. Claudine, que fez sua dissertação na universidade sobre a presença de mulheres no cinema dos anos 1950, parecia ser a escolha perfeita para essa posição. No cargo, ela formou uma equipe motivada e comprometida para mudar a mentalidade e as leis.

UM FUTURO SEM DESIGUALDADE?

A Comissão Nacional para as Mulheres Libanesas nasceu em 1998, depois da Conferência da ONU para as Mulheres, realizada em 1994. “Criamos um plano de ação, que, em dez anos, pretende acabar com a discriminação contra a mulher e promover a igualdade de gênero nas esferas social, política,

econômica e legal”, diz.

Para Claudine, o crescimento econômico do Líbano depende da inclusão das mulheres. “Somos apenas 23% da força de trabalho, mas representamos 50% da população. Mais de 70% das libanesas têm nível universitário. As mulheres libanesas são altamente educadas, mas deixam o mercado de trabalho após cinco ou seis anos, quando se casam e tem filhos”, descreve. Claudine defende que a independência econômica das mulheres também é fundamental para combater a violência doméstica. “Se elas não têm como se manter, não conseguem sair de casa ou pedir divórcio caso sofram violência dos próprios maridos”, observa.

Por outro lado, em algumas áreas as mulheres estão mais presentes, como é o caso das profissões liberais. “Somos mais de 50% dos juizes, mais de 40% dos advogados e mais de 30% dos médicos. Mas infelizmente somos apenas 6 mulheres no parlamento de 128 membros”, conta. A situação, aos poucos, está mudando. “Temos sido cada vez mais convidadas para opinar no desenvolvimento de políticas de governo para a ajudar a pensar em novas estratégias que incluam as mulheres”, destaca.

Com esse propósito, Claudine segue lutando. Ela acredita no equilíbrio e na igualdade de direitos, bem como na complementaridade entre homens e mulheres, para que a sociedade seja harmoniosa. ■

“Somos apenas 23% da força de trabalho, mas representamos 50% da população. Mais de 70% das libanesas têm nível universitário”

– Claudine Aoun Roukoz

CONEXÃO RIO-BEIRUTE

CLAUDINE AOUN ROUKOZ, PRESIDENTE DO CONSELHO SUPREMO DA MULHER ÁRABE, DA COMISSÃO DA MULHER LIBANESA, E ASSESSORA ESPECIAL DO PRESIDENTE DO LÍBANO, PARTICIPOU DE DIVERSAS ATIVIDADES EM SUA VISITA AO BRASIL.

Além do debate público na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, dentro da conferência “A Condição da Mulher Árabe e Suas Perspectivas no Mundo Atual”, no dia 8 de abril, Claudine visitou, em companhia da primeira-dama da cidade, Jane Crivella, a Casa Tereza para Crianças com Câncer. Também assistiu à exibição do filme libanês “Nour”, de Kahlil Zaarour, sobre o drama do casamento de garotas menores de idade e, em seguida, participou de debate em torno do tema, no Consulado Geral da França, como parte da programação do mês da Francofonia.

Claudine participou de reunião com ONGs de mulheres na sede do Consulado do Líbano, onde se discutiram assuntos atuais para troca de experiências entre movimentos e associações dos dois países. Na sequência, houve apresentação de um coral infantil. O momento mais importante na agenda



brasileira de Claudine foi o lançamento do projeto Rio-Beirute: Caminhos para Duas Cidades. Em seu discurso, ela destacou a importância da iniciativa e os pontos que as duas cidades têm em comum. Alejandro Bitar, cónsul geral do Líbano no Rio de Janeiro, detalhou: “O objetivo é fomentar e facilitar o contato entre instituições brasileiras e libanesas em diferentes áreas, como cultura, economia e urbanismo”. Para estimular as ações, uma equipe do consulado irá selecionar projetos que tenham ligação entre elementos comuns das metrópoles. Uma das primeiras ações é um protocolo de cooperação entre a Maratona Internacional de Beirute e a Maratona do Rio. Os interessados em divulgar seus trabalhos, como startups e projetos, devem enviar email para riobeirute@gmail.com para terem suas propostas analisadas.

Farhan Massad e Rosa Baracat Massad tiveram quatro filhos: Lionete, Faiz, Nabila e Nabil, que faz homenagem emocionante a seus pais nas páginas seguintes



FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA

*A história de **Farhan Massad** no Brasil tem um toque de ousadia e outra tanto de trabalho árduo. Quem conta é seu filho, o renomado médico **Nabil Massad**, em um relato escrito com muito amor e profundo respeito*

O médico coloproctologista Nabil Massad é referência no país em sua especialidade. Consciente do valor de suas raízes libanesas, ele escreveu especialmente para esta edição de Carta do Líbano, o texto a seguir onde narra, com muita emoção, a trajetória de seu pai, Farhan Massad. Um imigrante libanês que, como tantos outros, constituiu família no Brasil e, à custa de muito trabalho, educou seus filhos e colaborou com o progresso e o engrandecimento de sua nova terra.

PARA FARHAN MASSAD, DE NABIL MASSAD:

“Meu querido pai, além de sua trajetória, o senhor sempre esteve presente em nossas vidas. Com uma personalidade íntegra, leal e muita amorosa. Seu exemplo permaneceu conosco.”

“Em minha memória, penso em uma das últimas vezes que deixei Pederneiras para cursar Medicina no Rio de Janeiro. Naquele dia, o senhor estava de pé na varanda de casa e eu, no carro. Olhando-o, consegui sentir sua imensa tristeza ao ver um filho partir. Descanse com a certeza, meu

querido pai, meu herói Farhan Massad, que meu coração ficou com o senhor.”

“CRÉDITO É MAIS IMPORTANTE QUE DINHEIRO”

Meu pai Farhan Massad nasceu em 1902 na cidade de Marjayoun no Líbano. Chegou ao Brasil com seu irmão, Elias Massad, em 1920 e foram para Pederneiras, São Paulo, onde seus outros irmãos, Massud Massad e Youssef Massad, já haviam chegado do Líbano.

Em 1923, tornou-se comerciante conceituado na cidade. Nesse ano, de 1923, ocorreu o infortúnio do roubo de todo seu estoque de mercadorias - e também 23 contos de réis, em moeda da época - por um empregado. Ao saber do fato, seus irmãos Massud e Youssef ofereceram-lhe um cheque, mas ele não aceitou.

Fez uma camisa e uma calça, para trabalhar em fazendas de café, e partiu para São Paulo. Por lá, negociava com muitos comerciantes, principalmente com um dos líderes da comunidade ortodoxa, Assad Abdalla, estabelecido na rua 25 de Março, que sabendo do roubo e conhecendo o bom nome de meu pai, repôs todo o estoque de sua loja. Assim ele se reiniciou no

O imigrante libanês **Farhan Massad** ensinou aos seus filhos e descendentes que o “**crédito** é mais importante que o dinheiro”



A pequena e bela família Morani Massad, no Rio de Janeiro: Sílvia, Solange e Nabil

comércio, tornando-se próspero comerciante. Ensinou a seus descendentes que “o crédito é mais importante que o dinheiro”.

Durante a crise mundial de 1929, aos 27 anos, Farhan Massad saldou todas as dívidas, construiu uma casa e possuía 250 contos de réis no banco, quantia considerada uma verdadeira fortuna. Meu pai era praticamente um adolescente!

UM BARÃO LIBANÊS DO CAFÉ

Casou-se em 1932 com Rosa Baracat, uma libanesa também nascida em Marjayoun. Foi a São Paulo e comprou a melhor mobília, porcelana francesa e cristaleiras para os cristais da Boêmia para o futuro lar dos noivos. Presenteou a noiva

Rosa com colar, brincos, anéis e pulseira de brilhantes. Contratou um trem para levar os convidados do casamento de Pederneiras a Campos Sales, cidade onde Rosa vivia. Tiveram quatro filhos: Lionete, Faiz, Nabila e Nabil.

Meu pai decidiu mudar de atividade em 1940, quando fechou a loja e passou a negociar com café. Em certa ocasião, enviou para Santos 15 mil sacas de grãos de café beneficiados, o equivalente a 45 mil sacas de grãos de café não debulhados. Quando viu no jornal “O Estado de S. Paulo”, a foto de Athie Jorge Cury, então presidente do Santos Futebol Clube, me contou que em sua época de vendedor de café em Santos, Cury era provador de café.

Prosperando cada vez mais, Farhan adquiriu imóveis em Pederneiras e terrenos na Zona da Mata, na Alta Paulista, região em franco desenvolvimento. Em 1950, construiu um prédio ao lado da sua residência e decidiu voltar ao ramo de tecidos, abrindo uma loja.

Farhan Massad e sua esposa Rosa Baracat Massad incentivaram os filhos nos estudos, matriculando-os na Escola Paroquial Coração de Jesus, da Congregação das Irmãs Passionistas. Todos cursaram a Universidade: Lionete e Nabila formaram-se em Pedagogia, Faiz em Direito e Nabil, em Medicina, no Rio de Janeiro.

Em Pederneiras há uma praça com o nome Farhan Massad, como homenagem e reconhecimento aos serviços prestados à cidade.

Farhan Massad faleceu em 12 de fevereiro de 1973. ■



CAMPANHA PRÓ
NOVA SEDE DO
CONSULADO
GERAL DO
LIBANO
EM SÃO PAULO

MUDAR PARA SERVIR MELHOR

A comunidade libanesa de São Paulo tem indicado que deveríamos ampliar as instalações atuais de nosso Consulado, localizado na Avenida Paulista, num espaço modesto e insuficiente. Hoje, temos funcionários dedicados e competentes, mas instalações pequenas. A nova sede deve refletir a importância do Líbano e dos libaneses na história do Brasil e da humanidade. Estamos procurando esse novo local, mas precisamos de sua colaboração. Os doadores terão seus nomes gravados para sempre na recepção do novo Consulado, de acordo com a categoria de doação.

BRONZE: R\$ 5.000,00 (cinco mil reais)
PRATA: R\$ 20.000,00 (vinte mil reais)
OURO: R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais)
PLATINA: R\$ 100.000,00 (cem mil reais)

**É UM MOMENTO
HISTÓRICO.
APROVEITE-O!
CONTRIBUA AGORA
COM O QUE PUDER!**

**BANCO SANTANDER,
AGÊNCIA 3409, CONTA 13010501-5,
CLIENTE CONSULADO GERAL DO LÍBANO,
CNPJ 05.034.412/0001-66**

O abraço afetuoso da professora Najla el-Kadi e sua mãe, dona Daouie



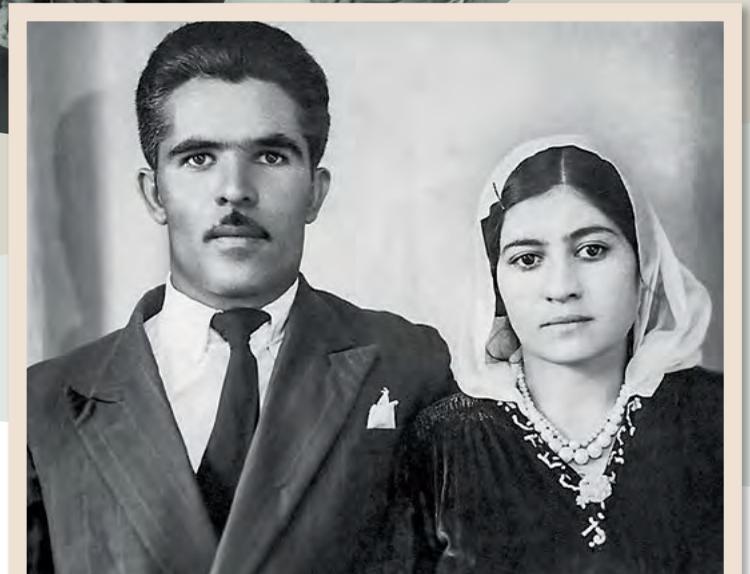
FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA

No coração libanês

A partir da história de seus antepassados e da aventura migratória dos pais, Nágila Ibrahim el-Kadi* escreve com emoção transbordante. Fala de luta, trabalho, honra, esperança e amor. Da vida, enfim, que aprendeu com as lições de Ibrahim e Daouie



No sentido horário: Ibrahim, de uniforme do Exército libanês; Ibrahim e Daouie com os três filhos mais velhos e Nágila, no colo da mãe; Ibrahim e a mulher, Daouie, quando recém-chegada do Líbano



Sou Nágila Ibrahim el-Kadi, filha de pais imigrantes libaneses, Ibrahim Hussein el-Kadi e Daouie Younes el-Kadi. Meus pais nasceram em uma pequena cidade aos pés do monte Hermon, Ain Ata, situada na região de Rachaya al-Wady. Essa é uma região de predomínio de cidades drusas, muitas em coabitação com católicos ortodoxos. É denominada, também, de Wady al-Taym, considerada o berço histórico do Drusismo, no Líbano. Meus pais são drusos, pertencem ao grupo étnico-religioso conhecido assim popularmente, entretanto, eles se autodenominam Muwawhidun (Unitaristas). Os drusos tendem a se concentrar principalmente em duas regiões no território libanês: Rachaya al-Wady e no Chouf. A primeira,

também denominada Wady al-Taym, é considerada o berço histórico do Drusismo no país.

Ibrahim Hussein el-Kadi era o filho mais velho do segundo casamento do meu avô, Hussein el-Kadi, com Badia el-Kadi. Ele era felah, camponês e depois tornou-se soldado do exército libanês, o qual deixou, para migrar para o Brasil.

Daouie Younes el-Kadi era a filha mais velha do casamento de Salim Younes e Najla el-Kadi, que tiveram um casal de filhos. Meu avô materno seguiu a trilha de tantos outros homens aldeões, migrou. O país escolhido foi a Colômbia, destino pouco buscado na época por outros imigrantes, como os Estados Unidos e a Argentina. Meu avô abandonou a família com a promessa de voltar enriquecido, porém nunca mais retornou e constituiu outra família com mulheres ajnâbie (estrangeira) como tantos outros.

Minha avó materna, Najla, ficou com os dois filhos, Daouie e Maziad e com a dívida financeira e emocional do abandono. Financeira, porque meu avô penhorou o rebanho de cabritos como garantia do pagamento de sua passagem. Emocional, por ter deixado mulher e filhos sem nunca mais contatá-los. Os filhos ficaram sob a responsabilidade dos avós paternos, para que minha avó pudesse contrair um novo casamento e constituir uma nova família. E assim foi feito. Ela casou-se pela segunda vez com Hussein al-Sahli e novamente teve um casal de filhos, Nazah e Mohammad.

Como órfã de pai vivo, minha mãe tornou-se, ainda criança, pastora de cabritos e trabalhadora infantil na agricultura. Desse trabalho ela sempre se recordava o valor menor recebido, por ser criança, e sua indignação em relação àquela exploração. Recordava, também, do aprendizado dos amthal (ditados) escutados dos mais velhos, guardados em sua memória de criança e aplicados em sua sabedoria cotidiana de mulher, diante de várias situações de vida. Minha mãe dizia sempre que sua escola tinha sido al-maazi, os cabritos, sua vida de pastora percorrendo vales, montanhas, cidades e até países vizinhos (Síria e Palestina).

Meu pai Ibrahim decidiu imigrar para o Brasil, para Goiânia (GO), onde já residia um conterrâneo e familiar que enviava cartas sobre as potencialidades e possibilidades de crescimento econômico aqui existentes. Algumas cartas eram lidas publicamente, na praça diminuta das aldeias, promovendo um alvoroço nos corações jovens sedentos de aventuras e cheios de ambições de um futuro melhor.

Eles vieram como tantos outros migrantes libaneses, no início da década de 50 e chegaram em Goiânia. Meu pai veio com outro irmão, por parte de mãe, Ismail Abdul Hak, e outros parentes e amigos da cidade de Ain Ata e de cidades vizinhas. Eles saíram do porto de Beirute e chegaram ao Brasil, no porto de Santos, em novembro de 1952.

Ibrahim Hussein el-Kadi, antes de sair de sua terra natal, casou-se com Daouie, que ficou vivendo na casa de seus pais e, um ano depois o seguia nas águas da migração, juntamente com um de seus cunhados, Fuad el-Kadi. Eles vieram de navio, de bandeira italiana. A viagem durou cerca de 45 dias, entre portos e mares.

A viagem, à medida que, o navio singrava novas

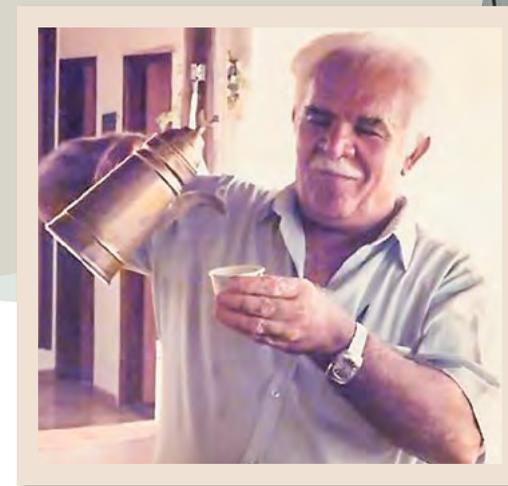
águas, ia descortinando-se um ritual de passagem, onde a terra natal, outrora tão presente, sua paisagem, montanhas, seus cheiros, rostos familiares, iam tornando-se lembranças, saudades e retratos. No horizonte, ainda não avistado, mas que se avizinhava, o Brasil ia se tornando futuro do presente, pela aprendizagem de algumas palavras do novo idioma barazili e de informações sobre o povo e sua cultura.

Enfim aportaram em terras brasileiras e, do porto de Santos, em São Paulo, vieram de trem, agora seguindo os trilhos dos dormentes para chegar ao destino final, a capital de Goiás, esse solo no qual meus pais semearam trabalho e novas vidas, seus filhos e netos.

Meus pais eram pessoas trabalhadoras e dedicadas à família. Meu pai, como tantos outros migrantes libaneses, tornou-se mascate, viajando por fazendas, cidades vizinhas e de outros estados, Bom Jesus da Lapa, na Bahia, onde aconteciam feiras ligadas às festas religiosas tradicionais brasileiras e se aglomerava muita gente, tornando-se um lugar atrativo para os comerciantes. Enquanto meu pai viajava, minha mãe vendia mercadorias em casa e nas feiras locais, principalmente aviamentos e artigos voltados para o público feminino. Tempos depois, estabeleceram loja, a Casa Curitiba, na rua 4, no centro de Goiânia, a “rua dos turcos”, como era conhecida pelos habitantes locais nas décadas de 1960 e 70. Nossa loja e casa, ambas alugadas, ficavam nessa rua onde nasci passei minha infância, com meus irmãos e outros filhos de imigrantes libaneses.

Meu pai se caracterizava como um homem trabalhador, impulsivo, ansioso e muito emotivo.

“**Meu pai se caracterizava como um homem trabalhador, impulsivo, ansioso e muito emotivo. Minha mãe era uma mulher trabalhadora, altiva, forte e racional**”



No sentido horário: Ibrahim servindo café à moda árabe; dona Daouie com os filhos e cinco netos; a avó materna, Najla el-Kadi Sehli, em seu traje religioso druso, em 1971; Nágila com o avô paterno na varanda da casa em Ain Ata, em 2001

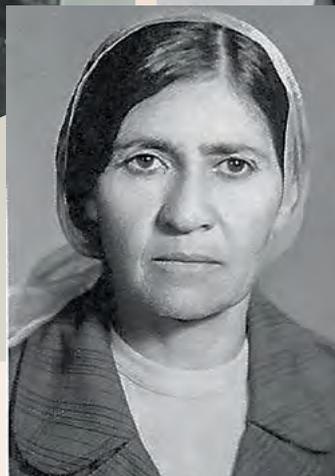
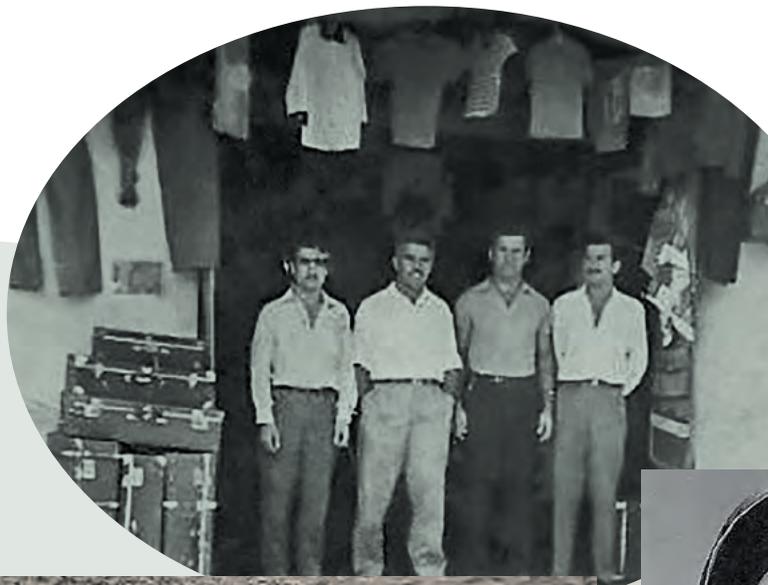
Minha mãe, de aparência submissa e simples, era uma mulher trabalhadora, altiva, forte e racional. Tudo que fazia ou falava era sempre bem pensado e planejado. Nunca foi a algum lugar sem que ela tivesse claramente o objetivo do que desejava desse lugar. Era também uma mulher parcimoniosa nos gastos e zelosa na condução da casa, para evitar desperdícios.

Aliás, em nossa casa era expressamente proibido desperdiçar água, luz, comida. Desperdiçar comida, para meus pais era haram (pecado) e sempre reiteravam que havia muita gente no mundo passando fome. Éramos educados para economizar, pensar no dia de amanhã, não deixar nada para amanhã, chahr uraa al báb, a contar os dias e aprender a planejar nossas ações. Sermos responsáveis por nós mesmos.

Meus pais nos lembravam cotidianamente que dentro de casa era para falar somente o árabe. Eles

diziam que cada idioma que a gente aprendia era como se tornar outra pessoa. O árabe não é só a língua materna deles, tornou-se ao longo de minha vida a linguagem forte e doce do meu coração, do afeto e da religiosidade que sempre me leva para casa. Um escritor latino americano, do qual não me recordo o nome, dizia que cada idioma é uma forma de sentir o universo. Como tantos outros imigrantes, meus pais aprenderam isso na experiência migratória, no corpo e na alma.

Eles eram muito severos quanto a nossa educação moral, no cumprimento de nossos deveres diários, e nos estudos, principalmente. Não tiveram a oportunidade de estudar em sua cidade natal, Ain Ata. Segundo minha mãe, havia apenas uma sala de aula, mantida pela igreja católica e exclusiva para meninos. Meu pai foi alfabetizado, mas minha mãe, além de mulher, era órfã de pai migrado e



No sentido horário: Ibrahim na cavalaria do Exército libanês; na porta da loja, com outros imigrantes, vestido com a farda de soldado; Daouie com seu inseparável mandeel (lenço), no Líbano, em 1976



tinha de trabalhar, mesmo criança, para garantir o sustento. Seu sonho era estudar. Isso não a impediu de buscar o conhecimento da realidade, da vida. Por isso tornou-se uma observadora atenta dos acontecimentos e das pessoas ao seu redor. Trazia em seus olhos grandes, castanhos escuros, uma ânsia e alegria de conhecer o mundo. Na aparência física, era uma mulher simples e tradicional, usava sempre vestidos abaixo do joelho, de manga 3/4, sem decotes. O que se destacava nela era o uso do lenço ora branco e, depois, colorido, porém discreto. Por baixo dele, suas tranças, que iam mingando ao longo dos anos de trabalho e de luta.

Aprendemos a respeitar e valorizar nossos professores e as pessoas mais velhas. Em nossa conduta diária deveríamos nos destacar pela educação, não falar palavrões, cumprimentar as pessoas, pedir licença e dizer obrigado, até mesmo em casa, entre os irmãos.

O temperamento forte de meus pais, na educação dos filhos, em especial das filhas, marcado por posições morais muito firmes, tornou-se muitas vezes expressão de um conflito maior. O choque cultural, amigo e visitante íntimo de nossa casa e de nosso coração, conflito geracional entre pais e filhos. Uns mais, principalmente os mais velhos, outros menos. Uns mais, as filhas, uns menos, os filhos que gozavam de uma tradição cultural que os privilegiava na terra de origem. Mas há contradições e paradoxos, sempre.

Meus benditos pais foram exímios e natos educadores. Nossa loja era a escola de meu pai, Ibrahim, onde tantos que ali passaram, funcionários e outros, eram considerados como filhos. Alguns dos funcionários mais jovens saíram de lá casados, homens e mulheres de bem. A marca de meu pai era a sua alegria e humanidade. Minha mãe era a camponesa observadora e astuta, formada pela

natureza, o livro aberto de Deus. Seus olhos brilhavam ao aprender algo... isso, me marcou profundamente. Com minha mãe, aprendi a ler nos olhos o encantamento do mundo e a ouvir essas histórias da imigração e da vida. Fui escutando suas histórias, sua narrativa poética, ela me pegando pelas mãos e viajando comigo pelo mundo afora. Conversávamos geralmente em sua cozinha, ou nas caminhadas. Era uma educadora de alma, semeadora dos meus melhores princípios e da ideia do Belo e do Bem.

Meus pais partilhavam uma visão otimista de fé, de trabalho, de dever e valorizavam o estudo. Em uma época, aqui em Goiás, havia poucas escolas de inglês, nas quais só estudavam as pessoas ricas, as famílias tradicionais, a elite. Estudamos na mais conceituada delas. Nossa casa era como tantos outros lares de imigrantes, onde se aninhavam e se conflitavam dois mundos culturais diversos, às vezes até antagônicos. Nossa casa era a riqueza da diversidade humana, duas línguas, duas culturas, duas percepções de vida e de mundo, duas maneiras de ser gente, identidades!

A casa e a família eram palco, também, de dor e alegria, desconexão, dificuldades na socialização primária, conflitos existenciais, que muitos levaram para sua vida inteira. Éramos filhos de imigrantes libaneses drusos nascidos no Brasil. O Brasil batia sempre à porta e às vezes trazia o vento forte da renovação, de ressignificação, de eterna novidade e fluxo de vida.

Viver na fronteira tênue de dois mundos culturais é uma experiência intensa de diálogos e rupturas, de conflitos e de conciliações, de pertencer e não pertencer.

“ Com minha mãe, aprendi a ler nos olhos o encantamento do mundo e a ouvir essas histórias da imigração e da vida... Era uma educadora de alma ”

É experimentar, ao mesmo tempo, a largueza e a estreiteza do mundo humano. Talvez venha daí grande parte de minha ânsia de busca, de resposta diante de um mundo que brincava de pique-esconde, num jogo de estranheza e familiaridade, me sentindo nem de lá e nem de cá, mas na fronteira, na ponte onde cruzam os dois mundos e todos estão de passagem.

Acredito que tenha sido em parte, essa experiência que me levou para a formação em Ciências Sociais. Ciências Sociais que na sua pluralidade de olhares, conhecimentos sobre culturas e sociedades foram me possibilitando um reconhecimento dessa experiência particular como experiência social marcada pela migração internacional.

Com a minha formação em Ciências Sociais, em especial Sociologia e mais ainda Antropologia, fui ganhando lentes de ver minha realidade familiar como parte de uma história social, de movimentos sociais, demográficos, conceitos que iam me auxiliando a organizar esse complexo quebra-cabeça familiar, a associar pessoas, estabelecendo relações entre fenômenos aparentemente opostos entre si.

Meus pais, Ibrahim e Daouie, como tantos outros migrantes em meados da década de 70, chegaram a realizar o retorno à terra natal, Líbano. Chegamos lá, em Beirute, no dia 29 de julho de 1975. O país iniciava um capítulo de tantos outros, da longa e triste Guerra Civil encerrada no ano 1990. Não ficamos como era o sonho acalentado, pelos meus pais, por mais de 20 anos. Retornamos ao Brasil, no final de junho do ano seguinte. Retornamos, mas éramos outros.

Meus pais, Ibrahim e Daouie, semearam aqui frutos do trabalho e do seu amor, filhos e netos, construíram uma casa ampla (*saheb beit usaa*), em especial daqueles que vieram solteiros e fizeram de nossa casa, a sua casa.

Meus pais, Ibrahim e Daouie, também não voltaram juntos ao seu amado Líbano. Ele foi antes, em 1992, e ela o seguiu depois, em 2013. Hoje, os dois fard qalb ua rab, um único coração e Deus, descansam em sua terra natal. Deus, no seu Infinito Amor, concedeu-lhes a realização do último sonho e suspiro, voltar para casa, darb al beit karib. ■

*Professora de Sociologia e pesquisadora PUC-GO. Doutora em Sociologia UFG



Hanna Mtanios
Hanna Júnior é novo
cônsul honorário do
Líbano em Goiás

SOB O SIGNO DO GRANDE LIBANO

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Em encontro exclusivo com Carta do Líbano, o advogado goiano Hanna Mtanios Hanna Júnior, novo cônsul honorário do Líbano em seu estado, fala de projetos e metas para a gestão. Ainda emocionado com recente visita ao país de seus antepassados

Nomeado cônsul honorário do Líbano em Goiás, Hanna Mtanios Hanna Junior assume o cargo pensando além dos limites protocolares do gabinete. “Recebi o título como chamamento ao trabalho”, faz questão de enfatizar. Sobretudo, ele pretende representar o Grande Líbano, uma nação que carrega sete mil anos de história e inúmeras conquistas que remontam aos grandes feitos dos navegadores fenícios. Além de difundir a cultura e a civilização libanesas, estabelecendo a ligação da colônia libanesa no estado com o país de origem e promovendo o intercâmbio entre os dois países através de ações individuais e coletivas.

A Economia também é um fator importante na gestão, no fomento das relações comerciais Brasil-Líbano em uma parceria para um futuro próspero para ambos os povos. “Assumo a responsabilidade de manter viva entre nós a chama sagrada do Líbano, zelando por sua imagem, divulgando sua História e a grandeza de sua gente, reafirmando o papel importante e milenar do Grande Líbano em favor da Humanidade”, declara.

O cônsul diz ter renovado o amor e a admiração pelo Líbano durante a visita para sua nomeação. Sentiu-se tocado pela força de renovação, de superação dos conflitos do passado e a retomada dos valores e conquistados em 75 anos de independência. “O Líbano me pareceu mais humanizado, mais irmão, mais solidário”, avalia. “É um país belo como os rios Litani e o Ibrahim, sagrado como as montanhas de Chouf”, fala com emoção. Para ele, no mundo de hoje o Líbano é um país que tem muito a ensinar e compartilhar com a comunidade internacional.

Para novo cônsul, no mundo de hoje o Líbano é um país que tem muito a ensinar e compartilhar com a comunidade internacional

O trabalho conjunto dos consulados com a embaixada em Brasília, visa defender direitos, prestar assistência e auxiliar compatriotas em trânsito. Hanna pretende somar a isso a organização de encontros e atividades socioculturais que mostrem e divulguem não só a cultura, mas também um pouco da alma libanesa. Um desses movimentos é promover uma ação conjunta com órgãos governamentais do estado, para a criação de uma Câmara de Comércio Goiás-Líbano. Ele se mostra confiante e bastante motivado com ideias e projetos: “Há muito a planejar, muito a estruturar, muito a organizar. Estou consciente de meu papel e pretendo honrar a confiança sobre mim depositada pelo Governo do Líbano”, conclui.

Nossos votos de boa sorte ao novo cônsul. ■



A família do novo
cônsul honorário,
Hanna Mtanios Hanna
Júnior, a mulher Helen
Hanna, os filhos,
Gabriel e Rafaela



O decreto da nomeação de Nizar Hachem como cônsul honorário em Curitiba, emitido pelo governo libanês



A família do novo cônsul honorário, Nizar Hachem: Hussein, Sara, a mulher Zehde (de azul) e Samara. Mais os pequenos, Ali e Nour

O encontro de DUAS PÁTRIAS NO SUL DO BRASIL

Nizar Hachem, cônsul honorário do Líbano em Curitiba, fala com exclusividade à Carta do Líbano sobre o orgulho do imigrante que recebeu a honra de representar seu país na terra que escolheu para viver e criar raízes

Nasci em Beirute, no dia 14 de setembro de 1972, filho de Hussein Hachem e Samira el-Husseini. Cheguei ao Brasil em 1991 e me estabeleci em Curitiba, a capital paranaense, onde me casei, em 2002 com Zehde Hamdar, de ascendência libanesa. Hoje, temos seis filhos: Hussein, Samir, Sara, Samara, Ali e Nour.

Meu primeiro trabalho no Brasil seguiu a tradição dos imigrantes libaneses, tornei-me comerciante. E, a partir de 2004, criei a Utilidades Sara Importação & Exportação, que obteve grande sucesso comercializando roupas da marca Blue Bird.

Desde o começo de minha vida no Brasil estive envolvido com a comunidade libanesa e acabei assumindo a presidência da Sociedade Muçulmana. Sem dúvida, minhas atividades dentro da comunidade me permitiram exercer meu lado empreendedor e meu espírito de liderança. Assim, obtive a grande honra de ser nomeado cônsul honorário em Curitiba, pelas autoridades do governo libanês. É com grande orgulho que exerço a tarefa a mim confiada, representando meu país de origem na cidade que escolhi para viver e constituir família. Desejo servir o meu país, primeiramente com os princípios da honestidade, carinho e dedicação.



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Nizar Hachem é novo cônsul honorário do Líbano em Curitiba

O consulado honorário do Líbano, em Curitiba, representa a comunidade libanesa e seus descendentes que habitam a capital paranaense. A imigração libanesa no Brasil se iniciou aproximadamente em 1870, depois viagem de dom Pedro II ao Oriente Médio. Esses imigrantes chegaram e rapidamente integraram-se às principais cidades brasileiras, dentre as quais Curitiba. Seguindo a vocação e a tradição de negócios dos libaneses, que remonta aos tempos fenícios, eles logo se estabeleceram em pontos comerciais e lojas, trazendo prosperidade e pujança para a economia local. Em Curitiba são inúmeras as casas de comércio, principalmente as localizadas no centro, que continuam sob a direção e o trabalho constante de libaneses e seus descendentes.

Um local onde a presença libanesa é bastante sentida é Boca Maldita, com nossos patrícos discutindo vigorosamente política, economia e comportamento, fazendo da conhecida região um

fator indiscutível da integração de nossa cultura no coração da cidade. Também não podemos deixar de mencionar o Memorial da Comunidade, na Praça Gibran Khalil Gibran, onde um edifício que celebra a arquitetura árabe abriga um centro cultural, uma fonte de pesquisas sobre a cultura, a arte e a literatura árabes.

Por fim, há inúmeros restaurantes e lanchonetes espalhados por toda a capital, oferecendo o melhor da comida libanesa, em um número que demonstra claramente como a nossa culinária se integrou ao paladar curitibano, tornando-se parte indelével do panorama gastronômico da cidade.

Assim, o Consulado Honorário do Líbano em Curitiba, tem a missão de representar os libaneses e seus descendentes bem como fortalecer, modernizar e exaltar os profundos vínculos econômicos, culturais e afetivos que unem centenas de famílias de ambos os países, sendo uma referência de tolerância religiosa e fator de união para o progresso de duas pátrias. ■

ARTIGO

Por Edmo Atique Gabriel*



SINAL DE ALERTA CARDIOVASCULAR

Um especialista adverte sobre a importância de se conhecer fatores que colocam a saúde do coração em jogo, e a extrema importância de consultas médicas e exame periódicos

Dislipidemia significa alteração da concentração de colesterol e triglicérides no sangue. O colesterol pode estar sob a forma de molécula total ou sob a forma de frações - sendo o LDL a fração considerada maléfica e o HDL, a fração benéfica. Em outras palavras, elevados valores de LDL e baixos valores de HDL denotam alto risco cardiovascular.

Os triglicérides representam moléculas constituídas de ácidos graxos e glicerol - os ácidos graxos são lipídeos ou gorduras e o glicerol é tipo de álcool.

O colesterol e os triglicérides são importantíssimos na constituição de muitos órgãos e tecidos orgânicos, participam da produção de energia e auxiliam no metabolismo de outras substâncias.

Níveis de colesterol total acima de 200 mg/dl, LDL acima de 100 mg/dl e HDL abaixo de 40 mg/dl podem comprometer a saúde cardiovascular, ocasionando entupimento das artérias, trombose, infartos, embolias etc. Indivíduos que apresentam infarto do miocárdio ou derrame cerebral usualmente apresentam alterações sérias dos níveis de colesterol e necessitam de acompanhamento cardiológico e nutrológico rigoroso. As principais fontes de colesterol são

as carnes vermelhas, carne de porco, frituras em geral, cremes, leite integral e queijos.

Os triglicérides são produtos de alimentos ricos em açúcares como pães, massas, bolachas e doces. Também podem ser resultantes do consumo excessivo de bebidas alcóolicas. Em geral, níveis de triglicérides acima de 200 mg/dl são prejudiciais à saúde cardiovascular, favorecendo a ocorrência de eventos como infarto e derrame.

Para eliminar taxas elevadas de colesterol e triglicérides, deve-se tomar grande quantidade de líquidos, ingerir alimentos ricos em fibras, frutas e verduras e aumentar a taxa metabólica por meio de exercícios físicos regulares.

Os exames bioquímicos de colesterol e triglicérides devem ser feitos pelo menos semestralmente, a partir de 40 anos na população em geral e, a partir de 30 anos, em indivíduos com muitos fatores de risco familiares.

Existem medidas naturais e farmacológicas para tratamento das dislipidemias. Caberá ao cardiologista determinar a necessidade de utilizar desde o início algum medicamento, uma vez que, em alguns casos, a simples mudança de hábitos poderá ser suficiente. Atualmente, a integração dos conhecimentos nutrológicos têm agregado bastante valor ao tratamento das dislipidemias. ■

*Edmo Atique Gabriel é médico cardiologista

FOTO: DIVULGAÇÃO



Prof. Dr. Edmo Atique Gabriel

CRM 105226

Cardiologia e Cirurgia Cardiovascular

Orientador de Nutrologia e Longevidade

Professor Livre-Docente com Especialização nos EUA

Coordenador Curso de Medicina Unilago de São José do Rio Preto

Conselheiro da Comissão Nacional de Residência Médica e Comissão Nacional de Supervisão de Escolas Médicas

Membro do Corpo Clínico do Hospital do Coração de São Paulo, Hospital Sírio-Libanês, Hospital Albert Einstein

Atendimento semanal nas cidades de São José do Rio Preto e São Paulo

Atendimento programado no Rio de Janeiro e Brasília

CONTATOS

www.drgabrielcardio.com.br

Consultório São José do Rio Preto: (17) 35121970

Consultório São Paulo: (11) 25922920 ou (11) 970943029

Consultas no Rio de Janeiro ou Brasília: (11) 983780126



A posse do novo presidente e diretoria da Federação das Associações Comerciais do Estado de São Paulo, na presença de 1700 convidados, no Clube Atlético Monte Líbano, em São Paulo

São Paulo

MOMENTO DE TRANSIÇÃO

Discursos emocionados marcaram a posse de Alfredo Cotait Neto como presidente da Federação das Associações Comerciais do Estado de São Paulo. Tudo em clima de fé no futuro e vontade de empreender

FOTOS: ACSP_PHOTOS

“Seremos a voz do empreendedorismo, com o apoio das 420 associações comerciais espalhadas por todo Estado de São Paulo e que representam uma força política sempre mobilizada na defesa da livre iniciativa e do desenvolvimento nacional”, declarou Alfredo Cotait Neto em seu discurso de posse como presidente da Federação das Associações Comerciais do Estado de São Paulo (Facesp), para o biênio 2019/2021. No evento, realizado no Clube Monte Líbano, na zona sul da capital paulista, também foram empossados os integrantes da diretoria executiva e os 20 vice-presidentes da entidade, representando as regiões administrativas do estado (veja a lista completa no final da reportagem). O ministro da Economia, Paulo Guedes, o governador João Dória e o prefeito da cidade de São Paulo, Bruno Covas, também estavam presentes na ocasião, bem como 1.700 empresários, autoridades federais, estaduais e municipais.



Alfredo Cotait Neto, novo presidente da Facesp

Empresário, engenheiro e ex-senador, Alfredo Cotait Neto foi bastante enfático em sua fala, apresentando os pontos que pretende enfatizar durante a gestão. Ele frisou que “o País está saindo de um modelo de dependência do Estado para uma economia liberal em meio a uma profunda recessão e esgotamento do sistema político da nova república”. E acrescentou que essa mudança de paradigma “irá colocar o setor privado como principal agente do desenvolvimento”.

O novo presidente da Facesp destacou a importância da Medida Provisória da Liberdade Econômica que, segundo ele, representa um importante passo para reduzir o intervencionismo e a burocracia: “Atendendo aos anseios de liberdade para empreender, defendidos historicamente pela Facesp e pelas associações comerciais de todo o Brasil”. Também defendeu a reforma da Previdência que, acredita, precisa ser profunda, pois somente assim o Brasil poderá entrar no caminho do equilíbrio fiscal. “Pois além de seu impacto positivo sobre as contas públicas e na redução das desigualdades, representa importante sinalização do empenho em busca do equilíbrio fiscal, devolvendo a credibilidade necessária para que os investimentos externos, hoje em compasso de espera, retornem ao Brasil”, salientou.

Aproveitou o momento para enviar uma mensagem aos parlamentares: “O Brasil tem pressa. Os milhões de desempregados, os desalentados,



A chegada dos convidados ao Clube Atlético Monte Líbano

os jovens que buscam o primeiro emprego têm pressa. É preciso reduzir a incerteza que paralisa a economia. As reformas são necessárias, mas também urgentes”, disse, ressaltando o papel importante dos presidentes da Câmara, Rodrigo Maia, e do Senado, Davi Alcolumbre. “O Congresso saberá corresponder às expectativas da sociedade, consciente do grave momento que atravessa o Brasil, e aprovará as reformas perfeitamente alinhado com as propostas do Ministro Paulo Guedes, rumo à transição para o modelo liberal”, afirmou.

Ao final do discurso, Cotait declarou total apoio às diretrizes do governo federal: “Passaram-se anos de espera, mas com a vitória do presidente Jair Bolsonaro temos a esperança, e quem sabe a última oportunidade de, sob o seu comando, colocar o Brasil no caminho do crescimento. O Brasil liberal que queremos, capaz de gerar empregos e reduzir a dívida social, promovendo a inclusão, exige a participação e colaboração de todos”.

Alfredo Cotait Neto foi bastante enfático em sua fala, apresentando os pontos que pretende enfatizar durante a gestão

Prefeito Bruno Covas, governador João Doria, presidente da Fapesp Alfredo Cotait Neto, ex-presidente da Fapesp Alencar Burti e ministro Paulo Guedes



Paulo Guedes, ministro da Economia

Na sequência, foi a vez do ministro Paulo Guedes ressaltar que as associações comerciais são agentes importantíssimos na geração de emprego e riquezas. Chamou atenção para o desequilíbrio fiscal pelo qual o país vem passando: “Todo dia tem um barulho, um desentendimento, mas não se deixem levar por esses sinais. O sinal que realmente importa é que o Brasil teve 30 anos de desenvolvimento baseado em empresas estatais. Quando fizemos a transição para o regime politicamente aberto, que foi a redemocratização, era natural que fossem carimbados gastos com saúde e educação. Mas definiu-se também que a liberdade econômica e o direito de cada cidadão empreender é a regra. E não a exceção”. Mas também fez sua crítica ao modelo econômico vigente até agora: “O cidadão tem que ser capaz de fazer tudo desde que não infrinja a lei. E no Brasil, está o contrário: tudo é proibido a não ser que o governo permita. O Brasil inverteu tudo”. Além de observar que a Previdência era como uma “fábrica de privilégios”. E o governo brasileiro, disse, “saiu de 18% do PIB de gastos e chegou a 45%, no pico do governo Dilma”. Para ele, o presidente Jair Bolsonaro é “patriota, intenso, determinado e disposto a pagar o preço de enfrentar uma ordem política que ele não considerava interessante e que a população brasileira disse ‘vamos mudar’”.

A prioridade agora, segundo Guedes, é administrar os gastos públicos, que “subiram sem controle”. Adiantou que através da reforma tributária os impostos “vão ser simplificados e vão descer”.



João Doria, governador do Estado de São Paulo

O governador João Doria elogiou os quatro anos de mandato do ex-presidente da Fapesp, Alencar Burti – de quem é amigo pessoal há mais de 40 anos. E depositou confiança no mandato que se inicia: “Juntos vocês fizeram uma carreira brilhante nos seus negócios empresariais, e com certeza a Fapesp está em ótimas mãos agora com o Alfredo Cotait Neto empossado”.

Já o prefeito Bruno Covas revelou que pretende estreitar ainda mais a relação entre a Prefeitura da capital e a Fapesp. “O que nos une é o desenvolvimento econômico. O que dá dignidade e reduz desigualdade é o emprego, a geração de atividade econômica local, que está no DNA das associações comerciais”, lembrou. Covas frisou que Prefeitura e Fapesp estão juntas no processo de desburocratização, no apoio ao empreendedorismo e na aprovação das reformas.



Bruno Covas, prefeito de São Paulo

“O Brasil tem pressa. Os milhões de desempregados, os desalentados, os jovens que buscam o primeiro emprego têm pressa”

– Alfredo Cotait Neto



Alencar Burti, ex-presidente da Fapesp

Alencar Burti, que deixou a presidência da entidade, depositou sua confiança na próxima, ressaltando a dedicação de Cotait pelos valores liberais. “Cumprimento o Alfredo por trazer, num dia comum, mais de mil pessoas aqui reunidas para fortalecer a Fapesp. Somos todos voluntários, e a presença marcante de todos aqui é o maior prêmio que poderíamos receber, concluiu.

Coube ao presidente da Confederação das Associações Comerciais e Empresariais do Brasil (CACB), George Teixeira Pinheiro, comentar que o momento atual é um dos mais importantes dos últimos 40 anos para o Brasil: “Esse é o momento de se fazer política, sair das nossas lojas, das nossas fábricas, dos nossos negócios e ajudar o governo que elegemos a resolver os nossos problemas. Precisamos aprovar a Reforma. O Brasil vai cobrar dos parlamentares a nova forma de fazer política no País”, conclamou.

EMPOSSADOS DO BIÊNIO 2019-2021
NA FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES
COMERCIAIS DO ESTADO DE SÃO PAULO

- Presidente, Alfredo Cotait Neto
 Diretor vice-presidente tesoureiro, Marco Aurélio Bertaiolli
 Diretor vice-presidente secretário, Roberto-Mateus Ordine
 Diretor vice-presidente, João Bico de Souza
 Diretor vice-presidente, Jorge Aversa Junior
 Diretor vice-presidente, Ary de Oliveira Russo
 Diretor vice-presidente, Abdo Antônio Hadade
 Diretor vice-presidente, Farid Murad
 Giacinto Cosimo Cataldo (RA1 - Município de São Paulo)
 Vera Lucia Alves da Rocha (RA2 - Metropolitana ABC)
 William Cotrim Paneque (RA3 - Metropolitana Alto do Tietê)
 Moacyr Correa Felix Junior (RA4 - Metropolitana Oeste)
 Eliseu Braga Chagas (RA5 - Litoral Paulista)
 José Antônio Saud Junior (RA6 - Vale do Paraíba)
 Adriana Maria Garavello Faidiga Flosi (RA7 - Campinas)
 Elton Vilela de Moura Monteiro (RA8 - Jundiaí)
 José Alberto Cépil (RA9 - Sorocaba)
 Ernesto Melo Bonilha (RA10 - Vale do Paranapanema)
 Francisco Carlos Júlio Pinghera (RA11 - Ribeirão Preto)
 Patrícia Aparecida Rossi (RA12 - Bauru)
 Mauricio Pazian (RA13 - Araçatuba)
 Antônio Carlos Parise (RA14 - São José do Rio Preto)
 Adriano Luiz Martins (RA15 - Marília)
 José Eduardo Rodrigues de Carvalho (RA16 - Baixada Mogiana)
 Ricardo Anderson Ribeiro (RA17 - Presidente Prudente)
 José Janone Junior (RA18 - São Carlos). ■



Rodrigo Garcia, vice-governador de São Paulo, dom Fernando Antônio Figueiredo, bispo emérito da Diocese de Santo Amaro, e Alfredo Cotait Neto



Eleuses Paiva, Gilberto Kassab, Alfredo Cotait Neto, José Augusto Viana e Guilherme Campos



Alfredo Cotait Neto e Pedro Chaves, secretário de Educação de Mato Grosso do Sul



Embaixador Affonso Massot, Alfredo e Ana Cláudia Cotait e embaixatriz Yolanda Massot



Ricardo Batah, presidente do Clube Atlético Monte Líbano, governador João Dória, dom Edgard Madi, Alfredo Cotait Neto e Edgard Samaha



Ana Cláudia, Alfredo Cotait Neto, Lidia e Paula Cotait Kara Jose

“... O que dá dignidade e reduz desigualdade é o emprego, a geração de atividade econômica local, que está no DNA das associações comerciais”
 – Prefeito Bruno Covas



Padre Charbel Khoury Hanna, dom Edgard Madi e Carlos Moufarrej



Andrea Matarazzo e Alda Marcoantonio



Governador João Dória e dom Edgard Madi



Alfredo Cotait Neto, Almirante Melo, Brigadeiro Cury, General Carmona e Riad Cury

INOVACÃO, ÉTICA E EFICIÊNCIA

CAMBL propõe a prevenção ou solução de conflitos com segurança, presteza e economia

A fim de possibilitar a resolução extrajudicial de conflitos aos pequenos e médios negócios, a Câmara de Comércio Brasil-Líbano lançou no último dia 25 de abril, sua Câmara de Arbitragem e Mediação. A nova entidade deve agir como centro de auxílio para evitar que o empreendedor, diante da morosidade dos processos, renuncie à prestação judicial ou mesmo faça a opção por acordos insatisfatórios ou, pior, conforme-se com perdas. Afinal, desde 1958, a CCBL defende a cooperação econômica entre brasileiros, libaneses e descendentes, auxiliando empreendedores e profissionais na solução extrajudicial, com segurança e presteza. Vale lembrar que a Câmara de Arbitragem e Mediação vem servir a sociedade em geral, sem distinções. ■
Câmara de Comércio Brasil-Líbano (ccbl.com.br)



Guilherme Mattar traça o conceito da nova instituição



GM, Gilberto Kfourí, Farid Murad



Camillo Ashcar Neto e Camillo Ashcar Júnior



GM, Vania e Arnaldo Yazbek

FOTOS: TONY BOUERI



Guilherme Mattar, Verônica Rezek, Francisco Cahali, cônsul libanês Rudy el-Azzi, Renata Abalém, Natália Machado



Membros da equipe CAMBL e mais colegas



GM, Francisco Cahali, cônsul libanês Rudy el-Azzi, Camillo Ashcar Neto e Camillo Ashcar Júnior



Jean Eduardo Nicolau e Rafael Maluf



Luis Eduardo Schoueri



Natália Machado e Renata Abalém



Guilherme Mattar é presidente da Câmara de Arbitragem e Mediação



Em noite de casa cheia



Wilson Rodrigues, Frederico Faro, Ricardo Almeida



Evento contou com a presença de profissionais de diversas áreas



Rogério Cury e Monica Maklouf entre convidados

Organograma da CAMBL

Guilherme Mattar (presidente); Ricardo Almeida, Wilson Rodrigues, Frederico de Faro, Thiago Chebatt (vice-presidentes).



Advogados e juristas interessados na nova proposta



Elias Gedeon e senhora; Cilene Karam

Árbitros

Alexandre Saddy Chade, Ana Luiza de Andrade Nery, André Luiz de Lima Daibes, Angela Vidal Gandra Martins, Antônio Augusto Saldanha, Armando Luiz Rovai, Camillo Ashcar Júnior, Camillo Ashcar Neto, Cassio Namur, Daniel Ferreira da Ponte, Domingos Zainaghi, Eduardo Ferreira Jardim, Eliana Baraldi, Elias Antônio Sfeir, Fábio Ulhôa Coelho, Felipe Lutfalla Neto, Fernando Facury Scaff, Flávio Luiz Yarshell, Francisco José Cahali, Frederico de Souza Leão Kastrup de Faro, Ives Gandra da Silva Martins, Jean Eduardo Nicolau, José Augusto Fontoura Costa, de Almeida Salle, Maristela Basso, Nadia de Araujo, Nasser Rajab, Nelson José Cahali, Oswaldo Chade José Nantala Badue Freire, José-Ricardo Pereira Lira, Júlio César Bueno, Lauro de Oliveira Vianna, Luis Eduardo Schoueri, Luis Guilherme Zainaghi, Marcelo Adameck, Marcos Paulo, Paulo Borba Casella, Paulo Eduardo Penna, Paulo Ferreira Chor, Paulo Rodrigo Cury, Rafael de Moura Rangel Ney, Renan Luiz Silva, Renata Abalém, Renata C. Steiner, Renata Novotny, Riad Gattás Cury, Ricardo Aprigliano, Ricardo Elias Maluf, Ricardo Ramalho Almeida, Riccardo Giuliano Figueira Torre, Rodrigo Cavalcante Moreira, Rogério Cury, Ronaldo Rayes, Sérgio Mannheimer, Thais Fernandes Chebatt, Thiago Fernandes Chebatt, Thiago Marinho Nunes, Tomaz de O.Tavares de Lyra, Vania Curi Yazbek, Vera Monteiro de Barros, Verônica Rezek e Wilson Victorio Rodrigues.



Roberto Cury é presidente da Sociedade Amigos da Rua da Carioca e Adjacências (SACRA)

Muita história na bagagem

Há mais de 100 anos em atividade, a Mala Ingleza pode ter mudado de endereço e conhecido tempos mais gloriosos. Porém, seu proprietário, Roberto Cury, mantém o charme do antigo comércio do centro carioca

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Roberto Cury atua no comércio de malas, bolsas, pastas, mochilas, carteiras e acessórios para viagem, mas a Mala Ingleza continua como seu maior destaque

“Roberto Cury – com 70 anos de experiência no ramo – tenta manter em seu estabelecimento, sobretudo na decoração com móveis de época e fotos dos grandes momentos da Mala Ingleza, um certo comércio à moda antiga”

Trata-se de um nome mais que tradicional no comércio do centro do Rio de Janeiro. Fundada em 1900, na rua da Carioca - conhecida como “rua das malas” - por uma família espanhola, a Mala Ingleza rapidamente se transformou em referência no mercado de malas, bagagens e acessórios para viagem, atraindo uma clientela de alto poder aquisitivo. Eram então, os tempos das grandes viagens marítimas quando abastadas famílias da elite carioca embarcavam em luxuosos transatlânticos para conhecer o mundo. O que seduzia a clientela e chamava a atenção do público em geral era o refinado acabamento dos artigos, executado com esmero pela equipe da casa.

Com o passar dos anos, mais a evolução dos transportes e dos costumes, esse tipo de comércio mudou. Quando o comerciante Roberto Cury adquiriu a loja, em 1972, os tempos de glória - nos anos 1950 e 1960 - haviam passado e ele declarou que, apesar de gostar do negócio de vendas malas, ele “não dava muito dinheiro”. Mesmo assim se apegou ao ponto tradicional, saldou as dívidas da empresa e levou a Mala Ingleza para outros endereços, como os Barra Shopping, Nova América e Tijuca Shopping.

O pai de Cury, um imigrante sírio - casado com uma brasileira de origem síria - começou a vida no Brasil como mascate, na cidade de Montes Claros, em Minas Gerais, e passou para o filho

a dedicação e a expertise pelo comércio. Aos poucos, Roberto Cury passou a dedicar um lugar especial no coração para sua loja no centro do Rio, a ponto de fechar as filiais para se concentrar na matriz e desenvolver um trabalho com maior atenção e cuidado. Tanto que se tornou presidente da Associação da Rua da Carioca e Adjacências em 1981, participando ativamente do processo de tombamento do conjunto arquitetônico de um trecho da rua em 1983.

Porém, outra mudança estava a caminho, dessa vez de endereço. Como os aluguéis na rua da Carioca aumentaram, seu Cury - como é conhecido na região - teve que transferir a loja para a rua Marechal Floriano - antiga rua Larga - que possui um perfil de comércio mais popular. “O público da rua da Carioca é mais classe A e B”, diz Cury, que desde 2005 procura se adaptar ao perfil da Marechal Floriano.

Assim, ele tenta manter em seu estabelecimento, sobretudo na decoração com móveis de época e fotos dos grandes momentos da Mala Ingleza, um certo comércio à moda antiga. Mesmo sabendo que o público hoje prefere mochilas a preços acessíveis, Cury - com 70 anos de experiência no ramo - ainda tem exposto aquela mala baú que se usava para atravessar o Atlântico de navio. Enquanto isso, se mantém ocupado com as atividades oficiais da comunidade, como as comemorações do aniversário da cidade do Rio de Janeiro. Afinal, todos sabem que “seu Cury é um grande festeiro”. ■



Durante o tradicional evento, promovido há mais de duas décadas pela Sociedade dos Amigos da Carioca e Adjacências (SARCA), o arcebispo do Rio, Cardeal Orani João Tempesta, recebeu de Roberto Cury a faixa “O mais carioca dos cardeais”



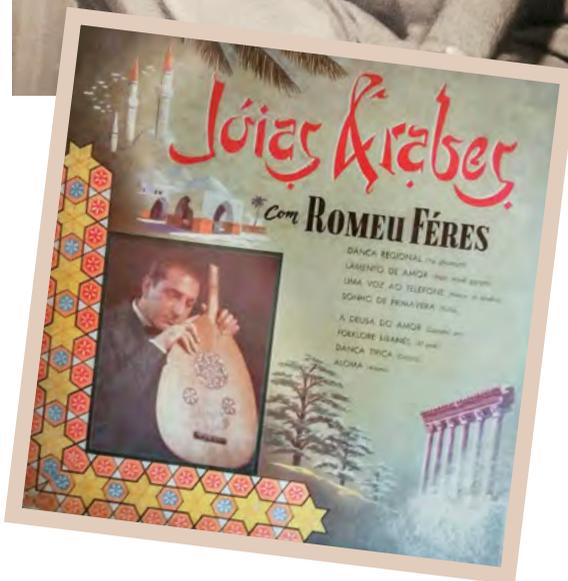
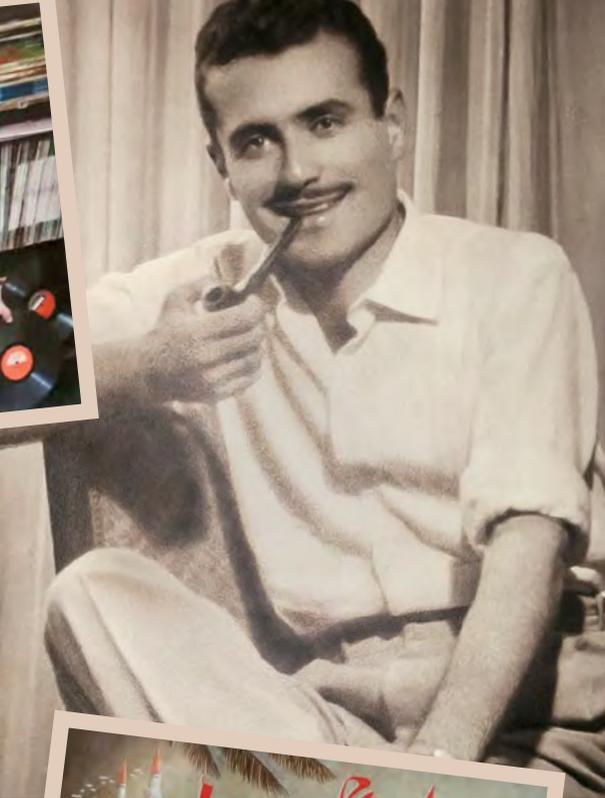
Roberto Cury homenageia a então Globeleza, Valéria Valenssa, acompanhada do marido, Hans Donner



Roberto Cury observa o bolo gigante, no encerramento da comemoração da Rua da Carioca, em 1986



O colecionador e pesquisador Henrique Tabchoury. Ao lado, o cantor Wafaa Damaa. Abaixo, o primeiro disco de Romeu Féres



As canções que vêm do CORAÇÃO

A partir de memórias saídas de antigas vitrolas, Henrique Tabchoury procura resgatar o trabalho de artistas responsáveis por um verdadeiro tesouro musical da comunidade árabe no Brasil

Você conhece, ou pelo menos ouviu falar, Romeu Feres, Jorge Jábali, Amélia Naum ou Chadia Najib? Se depender dos esforços de resgate e pesquisa cultural de Henrique Tabchoury - 48 anos, morador de Uberlândia, Minas Gerais - esses e outros nomes poderão novamente atingir o público com sua arte que anda praticamente esquecida. Tabchoury, filho de libanês e nascido no interior de São Paulo, dedica-se à tarefa de reunir, catalogar e divulgar a rica discografia árabe gravada no Brasil no século passado - em discos de 78 (os chamados “bolachões” feitos em cera e carvão) e 33 rpm, nos compactos e LPs de vinil - para os conhecedores nostálgicos e as novas gerações.

“Tenho feito um trabalho de busca em sebos, antiquários e colecionadores, no sentido de recuperar ao máximo esse tesouro gravado pelos primeiros imigrantes que chegaram ao Brasil”, explica. Como todo caçador de tesouros, ele acredita que o resultado da busca seja ainda melhor que o esperado: “Tenho certeza que a maior parte desse acervo está espalhado pelos lares de imigrantes e seus descendentes por todo o país”, anima-se.

A aventura começou com a coleção de discos que ele herdou do pai, Jamil Abrão Tabchoury. Ao longo do tempo, teve o cuidado de recuperar itens que estavam faltando, perdidos, desgastados ou quebrados, devido à fragilidade dos materiais. “Eram as músicas que ouvíamos juntos”, recorda, revelando o verdadeiro valor sentimental do trabalho no qual tem se empenhado com paixão.



Discos de Antoine Kreidi, Hanan e Wadi Safi, entre outros, fazem parte da coleção de Henrique Tabchoury. Abaixo, disco de Joseph Maluf



SUCESSOS INTERNACIONAIS

A partir da própria coleção, Tabchoury estabeleceu critérios de pesquisa. Segundo ele, existem três discografias árabes registradas no Brasil:

A primeira é a original, gravada nos países árabes e trazida na bagagem dos imigrantes para cá, ou vendida nas lojas de discos brasileiras.

Em seguida, vêm as gravações resultante da diáspora, registradas fora dos territórios árabes, em países como Estados Unidos, França, Alemanha, Austrália etc.

Finalmente, há a discografia da diáspora gravada no Brasil. É essa o objeto de estudo do pesquisador em sua incansável tentativa de resgate.

São discos produzidos pelos selos Odeon, Columbia, RCA-Victor, Todamérica, Art Fone, Continental (Gravação Especial) e Baida. Os registros também se dividem em outras duas discografias: Árabe Gravada em Série e Particular das Gravadoras. A primeira reúne os discos gravados por artistas contratados pelas companhias fonográficas - seguem numeração e série das próprias gravadoras. A outra representa os artistas não contratados, que pagavam pela produção de seus discos, prensados em edições limitadas e numeradas.

Tabchoury tem toda a série da primeira discografia catalogada, embora não possua todos os discos em árabe: “Por isso busco incansavelmente por eles”, conta. O imenso trabalho de resgate e catalogação se concentra na discografia particular, que é dispersa e compreende também gravações de artistas de outras nacionalidades (hebreus, húngaros, japoneses, alemães), gêneros (como hinos religiosos e de times de futebol), propagandas políticas e jingles comerciais.

MEMÓRIA AFETIVA

Mais do que pesquisa e resgate, o trabalho de Tabchoury inclui limpeza, captura de imagem, digitalização e classificação de cada item. Na verdade, ele está fazendo praticamente uma apresentação de artistas (cantores, compositores, músicos, instrumentistas, percussionistas, letristas e poetas) que foram um alento para a comunidade árabe no Brasil e responsáveis por um valioso legado cultural.

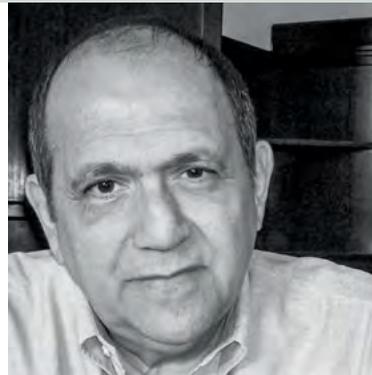
Em sua busca, o pesquisador já percorreu mais de cinco estados e trinta cidades onde a presença árabe se destacou. Para sua surpresa, as descobertas não se limitam aos “locais de descarte”, como ele classifica os sebos e antiquários. Várias famílias que tomaram conhecimento do trabalho, prontamente colocaram à disposição suas memórias e acervos.

“O trabalho tem frutificado com uma velocidade surpreendente”, comemora Tabchoury. Ele vive ouvindo comentários do tipo: “Nossa, eu escutava esses discos com o meu pai e meus avós!”, ou “Meus avós nos faziam cantar essas músicas nos almoços de domingo” e “Que lembranças maravilhosas...”. Por isso, faz questão de agradecer às famílias que o ajudaram com inestimáveis colaborações: Barbar, Dib e Michael Nicolau (Uberlândia, MG); Sallum e Farcy (Uberaba, MG); Tufail e Cury (São José do Rio Preto, SP); Issa (Anápolis, GO) e Nachman Falbel (São Paulo, SP).

“Sei que a tarefa é difícil, devido tanto ao tempo decorrido quanto à forma como foi preservada esse Acervo Árabe Brasileiro. Mas, também sei que valerá a pena”, conclui. ■

FOTOS: DIVULGAÇÃO

CARDEAL NASRALLAH BOUTROS SFEIR (1920 – 2019)



Patriarca dos maronitas e da independência do Líbano

A Corte de Lisboa constatou rapidamente, depois do desembarque no Rio de Janeiro, em 1808, que não existia na capital brasileira um palácio, como na Metrópole, para acolher a Família Real – que chegara ainda sobressaltada pela longa travessia do Atlântico, tendo a bordo a rainha dona Maria 1ª (1734 – 1816), a Piedosa, já bastante adoentada, e seu filho, o então príncipe regente dom João 6º (1767 – 1826), o Clemente, que seria coroado rei, com a morte da mãe, na Cidade Maravilhosa. Os portugueses tinham deixado apressadamente as águas do rio Tejo, para escapar à invasão francesa, determinada pelo corso Napoleão Bonaparte (1769 – 1821), abandonando os majestosos aposentos do esplêndido Palácio de Queluz, nas redondezas de Lisboa. Mas, ao saber das dificuldades enfrentadas pela nobreza lusitana, um abastado libanês, Antún Elias Dibb, próspero comerciante no Rio de Janeiro, presentearia a dom João 6º sua própria residência, a preciosa Quinta da Boa Vista, no bairro, à época bucólico, de São Cristóvão – segundo relata em diversos ensaios o maior dos intelectuais libaneses no Brasil do século passado, o escritor Mansour Challita (1919 – 2013), de família católica maronita, ex-embaixador da Liga Árabe em Brasília e tradutor do islâmico Alcorão para o idioma de Luís de

Camões (1524 – 1580). O solar, doado por Dibb, que, aqui, verteria o sobrenome árabe para o português Lobo, com corruptela de Lopes, seria convertido em Palácio Real, onde nasceriam a rainha de Portugal, dona Maria 2ª (1819 – 1853), a Educadora, e o imperador do Brasil, dom Pedro 2º (1825 – 1891), o Magnânimo – ambos filhos do imperador dom Pedro 1º e da imperatriz dona Leopoldina, pertencente à dinastia vienense dos Habsburgo. A quinta, bem como os seus fabulosos jardins, seriam transformados, posteriormente, na sede do Império brasileiro, com a Independência, em 1822, e a partir da Proclamação da República, em 1889, em Museu Nacional. Monarca, acima de tudo, generoso, conforme o epíteto, dom Pedro 2º abriria os portos brasileiros à imigração de milhares de cristãos do sagrado País dos Cedros, no final do século 19, após sua memorável visita à Terra Santa, em 1876, quando conheceu Beirute, a capital libanesa, e o bíblico Monte Líbano, comovendo-se, sobretudo, com o calvário dos maronitas – seguidores do monge católico do século 4, São Maron, que tinham resistido ao cerco dos exércitos maometanos por quase 800 anos, sem renegar a fé, entrincheirados nas soberbas montanhas nevadas.

Challita era um entusiasta de dom Pedro 2º e apaixonado pela História de seus antepassados. “Os libaneses, que são os antigos fenícios, chegaram



O imperador dom Pedro 2º nas pirâmides do Egito, em 1871, cercado por moradores. Ao lado, cardeal Nasrallah Boutros Sfeir

ao Brasil há quatro mil anos, como provam as inscrições na Pedra da Gávea, no Rio de Janeiro, muito antes, portanto, do genovês Cristóvão Colombo (1451 – 1506) descobrir as Américas e o português Pedro Álvares Cabral (1467 – 1520) desembarcar no Brasil” – observou em várias obras, com grande erudição, Challita, de quem fui contemporâneo no diário carioca “O Globo”, quando correspondente na Europa e Oriente Médio, e ele, articulista, na redação, de temas internacionais. É no Brasil que se encontra a maior comunidade libanesa fora da pequena nação, de cerca de três milhões de habitantes, localizada no Mediterrâneo Oriental. Calcula-se, segundo estudos de entidades vinculadas à imigração da pátria dos milenares cedros, que só no Brasil vivem, aproximadamente, seis milhões de libaneses e seus descendentes. E, não por acaso, repercutiu em todo Oriente Médio, mas também na Europa, principalmente na França, Estados Unidos e Brasil, o recente falecimento do incansável patriarca maronita, cardeal Nasrallah Boutros Sfeir, no último dia 12 de maio, às vésperas de completar 99 anos, merecendo, inclusive, uma solene missa em São Paulo, quatro dias depois, na Catedral Nossa Senhora do Líbano. O ato foi celebrado pelo arcebispo maronita no Brasil, dom Edgard Madi, de 63 anos, acompanhado do alto clero católico

e ortodoxo. O cardeal Sfeir foi elevado a Patriarca em 1986 e, desde então, bateu-se, com firmeza, à frente da maioria dos libaneses, contra a ocupação militar do país pelas tropas do regime da Síria – que duraria de 1975 a 2005. Seis anos após a retirada dos invasores, aos 91 anos, se tornaria, por orientação da Santa Sé, patriarca emérito, substituído pelo cardeal Bechara Boutros al-Rai, de 79 anos, que continua no cargo. Também o atual presidente do Líbano é um maronita, Michel Aoun, de 84 anos, eleito em 2016.

Único país plenamente democrático e com fortíssima presença cristã entre as 22 nações integrantes da influente Liga Árabe, o Líbano deve a própria existência, sem dúvida, ao ardor patriótico dos maronitas e, por isso, numa das mais tocantes homenagens póstumas feitas ao prelado, um anônimo muçulmano druso, da região do Chouf, ao sul de Beirute, afirmou, durante o velório no Patriarcado de Bkerki, sede episcopal dos seguidores de São Maron, na cordilheira do Monte Líbano: “O cardeal Sfeir não foi apenas Patriarca dos maronitas, porém, de todos os libaneses” – conforme registrou o prestigioso cotidiano em língua francesa beirutiano, “L’Orient-Le Jour”, na edição de 15 de maio. Admiradores dos maronitas em todo o mundo, na verdade, choraram a morte do Patriarca da soberania do Líbano. ■

o olhar do TEMPO

Momento culminante da visita do cardeal Nasrallah Boutros Sfeir ao Brasil - falecido em maio deste ano - quando esteve no Cristo Redentor, símbolo religioso e cartão postal da Cidade Maravilhosa. O ano era 1997, e o patriarca maronita que tanto lutou pela independência do Líbano e a liberdade de seu povo, permaneceu entre nós de 1º a 15 de março, prestigiando o Centenário da Sociedade Maronita de Beneficência. Por aqui, ele percorreu as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador e Brasília, onde foi recebido pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. No Rio, celebrou missa conjunta com o então arcebispo, dom Eugênio Sales e recebeu da Câmara Municipal a medalha do mérito Pedro Ernesto. Também esteve em Aparecida, onde assistiu à missa na Basílica Nacional. O cardeal foi motivo de inúmeras homenagens, em recepções e jantares. Na capital paulista, inaugurou a rua São Marun, no bairro Itaim Bibi. Sem dúvida, um importante marco para a comunidade líbano-brasileira. ■

Cardeal Nasrallah Boutros Sfeir tira foto aos pés do Cristo Redentor, no Corcovado, Rio de Janeiro

FOTOS: AGÊNCIA JB



CARMO COURI

Engenharia Ltda

Av. Álvares Cabral, 1345- 10º andar | Lourdes
Cep 30.170-001 | Belo Horizonte- MG

(31) 3299-3000

O MAIOR ARMAZÉM GRANELEIRO DE MINAS GERAIS



ATLASARMAZÉNS

Endereço: Av. Coronel Zacarias Borges de Araújo, 2103, Uberaba – MG
Fone/Fax: 034 33136000 • E-mail: atendimento@atlasarmazens.com.br